

GAZETA LÍRICA PAULISTA

Marcos Satoru Kawanami



```
<a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/"><im
g alt="Licença Creative Commons" style="border-width:0"
src="https://i.creativecommons.org/l/by/4.0/88x31.png"
/></a><br /><span
xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"
property="dct:title">GAZETA LÍRICA PAULISTA</span>
de <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br/"
property="cc:attributionName"
rel="cc:attributionURL">Marcos Satoru Kawanami</a>
está licenciado com uma Licença <a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/">Crea
tive Commons - Atribuição 4.0 Internacional</a>.<br
/>Baseado no trabalho disponível em <a
xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br/"
rel="dct:source">http://memoriasdaliravelha.blogspot.co
m.br/</a>.<br />Podem estar disponíveis autorizações
adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <a
xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"
href="http://memoriasdaliravelha.blogspot.com.br/"
rel="cc:morePermissions">http://memoriasdaliravelha.blo
gspot.com.br/</a>.
```

Marcos Satoru Kawanami

GAZETA LÍRICA PAULISTA

1ª edição

Nhandeara – SP
2014

Marcos Satoru Kawanami

DESBUNDE

Descarga biliária alheia ao nexa
exaure minha tripa cerebral,
e o oco craniano é que é o real
sonhar de um neo-símio assaz perplexo.

De tanto o que me aparta é o genuflexo
entregue ao devaneio surreal
retido no capacitor mental,
gerando o espectro de um prisma convexo.

Orgânica matéria se confunde,
por meio de entre-laços eletrônicos,
ao sonho surreal que a bem fecunde.

E o símio, em seus versos nada harmônicos,
havendo terminado, que desbunde,
fazendo embriaguez com Biotônico!

Nhandeara, 27 de julho de 2014

BOLHAS DE SABÃO

Muito legal tem sido a faina antiga
de fazer bolhas de sabão no Paço
Imperial com cetros que do espaço
extra-terrestre trouxe a rapariga

lisboeta, escondidos na barriga(?),
quando a Escola de Sagres fez um traço
intergalático, e deu um abraço
no índio espacial que, gente amiga,

indicou o caminho do Brasil,
nação de onde eu escrevo agora, alheio
àquele peito ilustre e varonil

da rapariga lisboeta, esteio
do que de melhor o homem produziu:
as bolhas de sabão e seu recheio.

Nhandeara, 10 de novembro de 2014

ESCULTURA CONTEMPORÂNEA

Um código de barras coronário
é lido, e transferido para a tela
na qual a silhueta se revela
da fêmea mais audaz no porte vário.

E, em meio a tecnológico cenário,
imprime-se em 3D, inculta e bela,
a Vênus do ideal, agora, aquela
mulher, nascida adulta e sem berçário.

Contudo é gesso... Amigo, é apenas gesso
nas mãos de um escultor contemporâneo;
por isso, eu prego-lhe o martelo, e esqueço!

Disseram “parla!”, e o não foi instantâneo
por muito mais que aqui eu nem mereço,
mas ela pinta e borda no meu crânio...

Nhandeará, 13 de setembro de 2013

CARNAVAL EM VENEZA

Mas acho que, afinal, sim, acho não,
porque o poema acaba, e continua
o poeta, o planeta, o sol e a lua;
contudo, céu e terra passarão.

Bobagem é você fazer questão,
pois tudo quanto é orbe lhe insinua:
o fim é recomeço, isto pontua
o dia, o ano, e até seu pé no chão.

Se, nascendo, morremos, vale o oposto:
depende do seu fim a ferramenta,
e somos nós forjados para o gosto

sentir do Criador, que Se apresenta
a cada criatura, em cada rosto
a fim de nos salvar de forma isenta.

Nhandeará, 12 de setembro de 2013

LISTERINE

O bafo de gambá da minha amada
combina com meu bafo de cambá;
talvez por ela ser tupinambá,
ou por nós sermos dois da pá virada.

Por nós, e não pornô, que a rima amada
gargalha e ri mamada, e diz “vem cá,
não vou ser só mamada, eu quero é dá!”
— e some-se ao gambá o desbocada.

Fulana um tanto escrota é minha amada,
mas de uma escrotidão assaz tesuda,
um tipo de mulher inconformada.

E, se ela esbravejando assim bocuda,
parece uma silvícola indomada,
mais gostoso é dobrar a topetuda.

Nhandeará, 18 de outubro de 2013

FRETE GRÁTIS

A graça que tu esperas é uma graça
por entre as variáveis no conjunto
do povo que tem fé, chegando junto
à Cruz, um por um com a cruz que abraça.

Parece que o divino se embaraça
às vezes no atender algum assunto,
pois tarda ou não se dá; mas eu pergunto:
tu queres o que rói o tempo e a traça?

Está teu coração em teu tesouro;
que a graça que tu esperas seja a Graça
a qual é dela mesma o bebedouro.

Rebenta esse novelo que te enlaça,
o cosmo te conduz ao Bem vindouro,
e prova deste vinho e desta massa!

Nhandeara, 16 de setembro de 2013

LA FURIA

Eu amo. É a única certeza minha.
Parece incongruente, à frase falta
objeto, e esvaziou-se na noite alta
do mundo, que a Plutão aqui se alinha.

Mas, desde muito infante, em mim, eu tinha
a fúria flamejante, a voz que exalta,
em tudo que se passa, a virgo arauta
da fé e da beleza, tão vizinhas...

O amor jamais acaba, há sempre um algo
além a renová-lo, incrementando
o rumo de um Quixote, o bom fidalgo...

E, assim, vou, pela Mancha, cavalgando
com a sagaz potranca que cavalgo,
por quem o amor tão sempre eu sigo amando.

Nhandeará, 23 de outubro de 2013

SONETO DO HD

Há mais mistérios entre o céu e a terra
do que supõe a nossa vã idéia,
pensou aquele inglês em letra véia,
e quem seguiu-lo é certo que não erra.

Conselho humano é vão, há sempre guerra,
a qual ensejo dá à arte atéia
da Ciência em mostrar para a platéia
como é que se desmonta o éden Terra.

Pois farte-se esse povo em dar conselho,
mas só há bom conselho na Palavra
do Cristo, só por quem eu me ajoelho.

O resto é palavrório de quem lavra
estultos manuais de tão parelhos,
se sempre o HD, um dia, trava.

Nhandeará, 26 de novembro de 2013

WAY OF LIFE

I have to write in English to be heard
throughout the world, sometimes, it's necessary,
despite my speech may be an ordinary
translation of unsung songs of a bird.

I sing the dumb, the so foolish absurd
that can be seen across the planetary
delay in kindness, care, in things that vary
a lot from words of progress, words of nerd.

A happy day is truth, and can be felt
in every single word Christ said and says,
the surety of eternal happy days.

And, like a honeycomb so sweet will melt
in our mouth, are the words of truth divine
to be your way of life, and to be mine.

Nhandeara, 26 of november of 2013

RIMAS

As rimas se combinam, as palavras se combinam, as letras se combinam. Combinam-se os átomos, as moléculas e as células.

A posição das palavras determina a rima, e a posição das letras determina a palavra. A posição das moléculas determina a célula, e a posição dos átomos determina a molécula.

No mundo material, as coisas funcionam numa relação de posição no espaço e convenção dos elementos químicos, assim como convenciamos as letras do alfabeto.

Dessa maneira, o cérebro arquiva memórias em forma de moléculas posicionadas umas em relação às outras, que são acessadas pela alma. De forma semelhante, um poema escrito num papel pode ser lido e declamado por uma pessoa. Bem como pode ser apagado, ou jogado fora.

Mas um poema não é audível sem que alguém o declame, assim como um cérebro não concebe um poema sem uma alma que o anime para além dos reflexos musculares e glandulares.

SÓ A RAZÃO NÃO É SUFICIENTE

Só a Razão não é suficiente.

Uma pessoa passa por vivências usando a Razão, e não crê em Cristo.

A mesma pessoa passa por vivências diferentes usando a mesma Razão, e crê em Cristo.

Disso, percebe-se que a Razão é apenas uma ferramenta, a qual pode levar a conclusões diametralmente opostas, dependendo das experiências de vida de cada pessoa, dependendo do acaso.

Com a Fé, a pessoa deixa de depender do acaso, pois as experiências de vida são apreciadas pela Razão sob uma perspectiva ampliada de discernimento.

Nhandeara, 4 de dezembro de 2013

Carta à Norma

Sentada na calçada com as pernas abertas, uma inquieta rapariga segura o celular sorrindo, e liga, desliga, liga, o faz igual lanterna.

Na bermuda o aparelho, enfim, interna estufando o tecido que o abriga na frente, e não no bolso, já a barriga transpira em pêlo, o umbigo: uma cisterna.

Reclina-se depois, e agarra o chão; que passa na cabeça da figura?, talvez também pergunte em contra-mão?

O sol é delirante nesta altura, e o fim da sesta na repartição é redigir à Norma, casta e pura.

Nhandeara, 12 janeiro de 2014

GREEN PEACE

Relâmpagos, trovões, o vento fero,
um ar que não se inspira sem a tosse,
inflando priscas teias, toma posse
de um mundo antepassado e mais severo.

Notícias, comentários, lero-lero
parecem, pois, se o crânio aqui nos coce,
sentimos que não há razão que endosse
crescer a economia até... o zero(?)!

Comentamos à toa sobre o clima,
nequinho vira preso federal
se arrisca a vida pois a vida estima.

Sócrates morreu em seu ideal,
morreram igualmente nesta rima
aqueles que não morrem, na real.

Nhandeara, 15 de janeiro de 2014

ENGLISH BEAUTY
to Lily Cole

Poor young beauty that falls into my eyes,
you seem so helpless in your strength of sight
simulating a wrath of mighty night,
but being a child that soon rushes by.

And the child in me may want so to cry,
because it is cold, because it is night,
instead you fell in my soul to make bright
the sky so blue like your eyes, so blue sky.

Where you are going in your state of mind,
when you find evil, stay cool and than switch
the tramway to a better path you'll find.

But if you ever meet the strange blind witch
of time to get old and ugly, remind
yourself to come back for love to me teach!

Nhandeara, 16 of August of 2014

ERÉNDIRA - una metáfora

Veo que hace una Eréndira su nieta
delante del balcón y del fogón
sudando el alma, el seso sin razón
de tanto que ha perdido en tal ruleta.

Eréndira pasó asaz inquieta
tenendo con dos mundos conexión
por medio de la concha y la visión,
un prisma con la luz que él desapreta.

La nieta aqui que veo es solo bruta
materia un tanto humana, pero no
humana como Eréndira no era.

Abuela desalmada que hizo puta
de Eréndira bañada en salvia erró,
mas veo que este baño persevera.

Nhandeara, 15 de janeiro de 2014

FÁBULA DO FUTEBOL

A bola vai rolar em campo aberto
sem linhas demarcando esta partida
de futebol sem árbitro e torcida,
mas eu, só de boqueira, estou por perto.

E vejo que rolou a bola, certo
da alegre apoteose sem medida
que o gol ensejará em minha vida,
mantendo a vista atenta, fico esperto.

Jogadas de espetáculo circense
empolgam-me no início, estou contente,
com ânimo de time que só vence.

Depois, eu torço feito um penitente,
mas que jogada heróica há que compense
um campo de traçado e gols ausentes?

Nhandeara, 15 de fevereiro de 2014

BORBOLETA

Eu não farei poema à borboleta,
inseto que esvoaça sobre a rima
furtada da inequívoca obra-prima
jamais escrita por esta caneta.

Persigo a perseguida de veneta,
mas voa a rima alheia à minha estima
a qual “torce, aprimora, alteia, lima
a frase”, que se esconde numa greta.

E o muro, “paredão todo gretado”,
é sóbrio, é careta, e é quadrado,
mas guarda para si aquela greta.

Solitário empunhando esta caneta
por ser da borboleta rechaçado,
achei-me, em outra greta, contentado.

Nhandeara, 28 de março de 2014

ALBERGUE

Eu vi, e, quando vi, eu vi bem cego;
não vendo, foi que eu vi melhor meu ser,
o cego que era cego por não crer
que quem se nega a ver é o pior cego.

Eu era magricelo feito um prego,
e tinha uma cabeça pra bater
martelo, que era dura, hoje ao meu ver
de quem enxerga bem que fora cego.

Enxergo, por exemplo, que ora enxergo,
ora não, e ora tudo é embaçado
no mundo em que não quebro, mas envergo.

Se tudo se apresenta embaralhado,
procuro a ordem, sob a qual me alBERGO,
e que me alBERGARÁ, enfim, quebrado.

Nhandeará, 13 de abril de 2014

LOCUS AMOENUS

Esteve a tarde inteira ali sentada
a velha que nos olha, sendo cega;
um cão vadio passando agora rega
os pés da pobre velha sem ver nada.

A velha percebeu que foi mijada,
devido à experiência que carrega;
os velhos são bons nisso, não se nega,
e, cega, soube que não foi cagada.

Melhor assim, pensou, agora posso
ficar mais um pouquinho aqui na praça,
sem ver que o cão vadio fazia um troço.

Sentindo a iminência da desgraça,
corri com tanta gana, que alvoroço
causei ao derrapar por sobre a massa.

Nhandeará, 19 de abril de 2014

FADO

Se o meu amor me pedisse,
dava-lhe, “do pé à mão”,
tudo o que a vista não visse,
tudo o que está à visão.

Se o meu amor me pedisse
verdade, e não poesia,
calava aquilo que disse,
e minha mão lhe estendia.

Se o meu amor me pedisse
mesmo assim a poesia,
diria, ao frio que sentisse:
coração quente, mão fria.

Se o meu amor me pedisse
lírio de terra estrangeira;
para que nunca partisse,
dava a flor da laranjeira.

Mas temo que pressentisse
— no meu peito lacerado —
não haver o que pedisse,
nunca tendo eu sido amado.

E este poema expedisse
a fria mão estendida,
sem que meu amor pedisse,
sem nem saber que é querida.

CÃO E GATO

O gato olhava o cão, e, em si, pensava
maneira pra poder sacaneá-lo,
até que a ideia veio num estalo,
enquanto que o feijão eu preparava.

O cão, estranhamente, me assombrava
ralando rabanete sobre o ralo
com tal habilidade que eu não ralo,
pois gosta de ajudar, e me ajudava.

Janela aberta, surge o bom felino,
em duas patas, meio sem noção,
seguido pelo cão que perde o tino.

O cão fere a panela-de-pressão
que emite aquele timbre assaz mofino,
e é cão, é gato, é tudo na explosão...

Nhandeara, 19 de abril de 2014

A MERDA DA TUA VIDA

A merda mais sulfúrica que fiz
foi ter cagado no ventilador,
feito uma rima tipo dor e amor
que se rabisca, sem autor, a giz.

Caguei como quem caga e é feliz,
e foi a vida inteira o meu pendor
continuar cagando sem supor
que, em tal ofício, fui eu aprendiz.

Passei por maus bocados ventilando
o enxofre que encontrei na terra, arauto
do que não encontrei na terra, andando.

Caguei por ser poeta, e fui incauto;
e, agora, a tua vida avaliando,
que merda seguirás sempre lembrando?

Nhandeara, 19 de abril de 2014

OS DESENCANADOS SERÃO SALVOS

Carvão, tu és bem preto, feito Adão,
hebreu e pai de todos os mortais
que, dos remotos tempos ancestrais,
representamos, hoje, a sucessão.

Carvão, carbono, irmãos mais do que irmãos,
irmanam diferenças diamétrais,
mesquitas, sinagogas, catedrais,
grafite e diamante em contra-mão.

Porque, de diamétrais, as diferenças
só têm uma questão de alotropia
organizando tantas desavenças.

De todos, novo alótropo se cria
desencanado, harmônica presença
que tinha o pai Adão, e não sabia.

Nhandeara, 20 de abril de 2014

ISSO, NINGUÉM VIU...

Fritaram o pastel em óleo frio;
isso, ninguém viu...
Jogaram o pastel em óleo frio,
só fui eu quem viu!

Quem não é de reclamar,
ao comer aquela massa,
não parava de agachar;
e, quem viu, achava graça.

Eu fiquei no fim da fila;
ao chegar a minha vez,
teve até quem, pela axila,
da bagagem se desfez.

Evitei constrangimento:
recusar, não recusei;
eu guardei o provimento,
mas, depois, o desguardei.

Corajoso foi o Empada,
trombonista de primeira,
levou tudo para a amada,
que passou por corneteira.

Quem tem pressa, come cru;
com o Empada, foi assim;
se, na pressa, foste tu,
este mundo não tem fim.

PLENILÚNIO

Sorriso juvenil de Rafaela,
na noite plenilúnia do meu zelo,
nenhum mal haverá por desfazê-lo
na foto em que ela ri tão sempre, e bela.

Sorrindo é que eu escrevo por aquela
de quem a sintonia está no belo
vibrante timbre audaz do violoncelo,
que o nome angelical disfarça e vela.

Retrato fotográfico tão dela
incide sobre minha identidade,
vertendo copo d'água em aquarela.

E fulge em mim solar felicidade
sabendo que, esta noite, Rafaela
a Lua vê com mesma intensidade.

Nhandeará, 30 de abril de 2014

ATOS 1

Passado o tempo hostil das hostes mortas
levadas para trás do que se esquece,
assim como subiu, agora desce
rompendo, em Seu descer, celestes portas.

O verso escrito certo em linhas tortas
foi posto no papel, foi posto em prece,
sem pressa, e a seu tempo, e apetece
a ti que podes ver, e o vento exortas.

Exortas hostes mortas vento vão,
passado hostil do tempo alheio ao todo
bem-vindo nestes versos de oração.

Por mais que se haja feito verso a rodo,
um verso torto escreve perfeição
se tem em Jesus Cristo o seu denodo.

Nhandeara, 7 de maio de 2014

A RIMA FEMININA

Rimar é coisa à toa, entanto é bela,
e, à toa, é que podemos contemplar
a bela coisa à toa de um luar,
que, junto ao mar, motiva uma aquarela.

A rima feminina, a rima é ela:
mulher, moça, menina, o ocular
colírio sem razão do meu trovar
a rima feminina Rafaela.

E, achando-me de estar agora à toa,
achei que só rimava bem por ela,
e rima em ela é rima assim tão boa

que tive de deitar esta singela
porção de tinta no papel que ecoa
as rimas que trovei por Rafaela.

Nhandeara, 17 de maio de 2014

AS FLORES RÚCULAS

Poeta tenho sido, assim, escrevo
conforme, um dia, rúculas plantei
e, à moça do meu zelo, as envie
— as flores rúculas do meu enlevo.

Agora, flores versos eu me atrevo
a no papel plantar igual não sei
plantar os girassóis que não plantei,
vivendo mais a vida do que devo(?).

Efeito cuja causa está bem nisso
de haver na Poesia o que me atija
o siso dos sentidos por seu viço.

Poeta é Rafaela, que enfeitiça
o meu olhar atento de mestiço
com seu olhar atento de mestiça.

Nhandeara, 22 de maio de 2014



A COPA DO MUNDO É NOSSA

Como diria Wilson Batista, eu não nasci ontem, meu mundo é hoje, e não existe amanhã pra mim. Nem dou ouvido a bravatas, porque não sei o que é bravata, e não sei mesmo. O que é bravata? Ninguém responde, acham e se agacham pensando que eu só faço pergunta retórica, mas não. Rabanete, por exemplo, rabanete é ou não é diminutivo de raba? Alguém tem uma raba para me mostrar?

Por outro lado, analisando a outra banda da questão, como não diria Wilson Batista, eu eu eu, na Arena de Itaquera, só não vai quem já morreu! O passaporte corintiano mostrou seu valor, viva o bilhete único!!! Se a gente não podia ir à Copa, o Lula trouxe a Copa para nós! Custou mais caro, mas trouxe. Tem cupa ele? Ninguém responde. Richarlyson, tem cupa ele? Agora, quem nunca tem culpa é a Dilma, que, mesmo se cair de bunda do oitavo andar na cabeça do José Dirceu, não será acusada de morte. Será acusada de ouro!

Acusada está sendo é a singela moça da foto acima, só porque expressou seu patriotismo arreganhado, de maneira explícita e sem pudor, pacificamente, e deixando bem clara suas intensões passivas. E se ela for uma cadeirante? Já pensaram nisso? Pois está sendo carregada nos ombros por um homem que também expressa seu amor à bunda, digo, à pátria, carregando a bundeira do Brasil nas costas. Cadê o direito também do cadeirante de mostrar a própria peida uma vez na vida? Mas o Brasil é um país pródigo em artistas, e bem pode ser que a singela moça da foto acima seja mais uma alma inspirada tentando desfazer as opiniões malvadas que acham que daqui só sai cocô.

Uma é a certeza, alguém vai ser campeão. Das 32 seleções que entraram, classificaram-se 16, restaram 8, passarão 4, e sobrarão 2 que irão pra final, e a final será no Maracanã, alguém duvida? E ainda digo mais, a Copa do Mundo é nossa!

Nhandeara, 3 de julho de 2014

CORRENTE

Aplique-se em trabalho virtuoso,
na luz da primavera, o tosco Marcos
zanzando pela Lapa, aos pés dos arcos,
recebe por conselho de um idoso.

Cagou para o conselho valoroso,
beijou a vida de um viver anarco,
remou contra a maré, furado barco
achou de o recrutar, desventuroso.

De déu em déu esteve sem paragem,
a cada porto foi mais tosco sendo,
e o porto calendário na contagem.

Mas, no inverno, de frio estremecendo,
falou "busque a virtude" o néscio Marcos
vendo um rapaz aos pés dos mesmos arcos.

Nhandeara, 14 de julho de 2014

POLTERGEIST

ao Dr. Osmar de Oliveira

Visões repetitivas noite afora
feito um replay em modo sistemático
fariam-me tossir, se eu fosse asmático,
mas suo de cagaço a toda hora...

Eu vi, o fim dos tempos não demora;
os saques no Recife são didáticos
mostrando como é ser ladrão simpático,
que é aquele que devolve e depois chora.

Fantasmas velozmente botam medo
num bando de zumbis que ali se acanha
no quadro pra onde agora aponto o dedo.

Visões que se repetem de tamanha
sequela contumaz daquele enredo
no qual tanto escutei: Gol da Alemanha...

Nhandeara, 22 de julho de 2014

MEMORIAL DO CONVENTO

Tenho tanto sentimento,
que, mesmo cagando ao vento,
peido em tom sentimental...
E, ao lado do meu assento,
as noviças do convento
acham que é o bestial
treinamento do arsenal.

Porém, Madre Dulce diz
que aquilo fui eu que fiz,
e começa o carnaval.
Bianca fica feliz,
dizendo que sempre quis
poder me meter o pau...

Sobressalto tenho eu,
pois aqui ninguém meteu,
e a Bianca angelical
que tantos flatos rendeu
ao castigo sonho meu
decretou-lhe a pá de cal.

Mas meu sentimento é tanto
por Bianca, que levanto
o meu gládio triunfal,
e eu que nunca serei santo
entro em baixo do seu manto
pra provar do bacalhau.

E só nesse tal momento
tenho tanto sentimento
que acho ser sentimental.
Mas o luso condimento
que é servido no convento
só senti em Portugal.

Depois, palitando dente,
ela, displicentemente,
diz que é muito natural
uma irmã boa e temente
derramar o que é semente
do carinho fraternal...

Nhandeara, 23 de julho de 2014

AS LÁGRIMAS DE HERÁCLITO E O RISO DE DEMÓCRITO

O riso goza muito mais que o choro
na lisa derme túrgida viçosa
daquela adolescente que assim goza
a cândida doçura do namoro.

Mas num diverso, estranho e obscuro foro
da mente humana jaz a cabulosa
sensatez ecoando desairosa
a voz que do chorar engrossa o coro.

As lágrimas contemplam a verdade,
porém das aparências transitórias,
em uma pontual realidade.

Mas estas contingências ilusórias
merecem nosso riso e amizade,
pois nem as reteremos na memória.

Nhandeara, 26 de julho de 2014

SONETO ARTE(MIO)

ao pintor Artêmio Fonseca de Carvalho Filho (Temitó)

Artêmio diz que sou poeta, agora
a porra ficou séria na bagaça;
não há mais vez pra troca nem chalaça:
ao punheteiro, a promoção, é hora!

Empunho isto daqui como quem chora,
e vou sofrendo a mente atrás da caça,
que, enfim, sofregamente descabaça
o lápis que eu empunho ao vir da aurora!

E encontro o Verso!, amigo, encontro UM verso;
um verso, pra dizer que analfabeto
é a mãe!, de quem me assim classificou.

Porquanto se um artista no universo
com arte até no nome, assim seletto,
poeta me chamou, aceito, e sou...

Nhandeara (SP), 1 de setembro de 2012

O SENTENCIADO

Ter alma de poeta é sacrifício
a Deus, por sacerdócio leigo infame
ainda que o poeta, em vão, derrame
o sangue de si mesmo em prol do ofício.

Ter alma de poeta é ter por vício
o verso, mesmo que ninguém declame
a ninfa cujo zelo ora lhe inflame
o crânio a meningítico artifício.

Ter alma de poeta, enfim, é isto:
é parecer saudável na doença;
é parecer ateu mas seguir Cristo;

é acrescentar penhor se não compensa;
é dar bom dia à noite, e ainda, insisto,
é redigir na testa uma sentença!

FELICIDADE CANINA

Um tal instinto bom eu tenho tido,
que desde a aurora tosca de menino
conduz-me em descaminhos cujo tino
teria diplomado um falecido.

Por mais que me quisesse desistido
o mundo de cumprir o meu destino,
o bom talante alegre e olhar canino
feliz em si tem sempre persistido.

Cachorros são felizes porque querem:
lá na indignância hostil do viaduto,
ou no trabalho árduo do polo.

E nesse olhar canino que os diferem,
conforme é mais o afável que o astuto,
pessoas há que têm dos anjos colo.

O LABIGÓ E O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Cientistas, lá na Itália,
nos dizem que a luz não jaz
na primazia que valha
por veloz coisa primaz.

De há muito vovó sabia,
contudo sem dizer nada,
lascando o bico no dia
da verdade anunciada.

É que, no quintal de casa,
da casa de minha avó,
vêm uns bichos que nem brasa
da raça do labigó...

E labigó papa mosca,
é lagartinho furtivo,
sem-vergonha, da cor fosca,
de tino pouco inventivo.

Mas... labigó sempre foi
do que a luz muito mais lépido
no abocanhar grilo-boi,
diz vovó em tom intrépido!

Ao filmar o labigó
abocanhando uma presa,
em HD, foi certeza:
razão tinha a minha avó.

Imagem não registrou
a câmera do evento
que tão veloz se passou,
e aqui dou depoimento.

NINFA E SÁTIRO

Ela: uma ninfa tão merecedora
de todo o mais difícil simples verso,
de todo puro amor que há no Universo,
sem saber de tal dom ser retentora...

Eu: um sátiro mau, qual sempre fora,
espreito o que há de bom, no anseio imerso
de assimilar também o bem diverso
à minha natureza repulsora!

É tarde na floresta, o bosque apaga,
e os pirilampos surgem na quebrada,
magificando a silhueta vaga...

A ninfa, pelo sátiro beijada,
percebe afago exato, e muito afaga
em prol da Eternidade eternizada!

AVE MARIA PÓS-MODERNA

A luz que passa pelo cristalino
dos olhos chega ao fundo cerebral
recomposta em elétrico sinal
diverso do universo extra-tino.

A taça diz que "veritas in vino",
em forma inversa, imagem espectral
vertendo na retina uma anormal
verdade aceita por qualquer menino...

Talvez o impulso elétrico reflita
externamente apenas algo novo
e tão antigo quanto a luz bendita

no céu de cada qual de cada povo
cujo drama tem sido a mãe aflita
dos elétrons por quem eu me comovo.

MUNDO DAS IDÉIAS

No mundo das idéias só, vivia
eu só, que de ideais fugir tentava;
atado por Platão, eu me arrastava
à banda de Aristóteles da via.

Da via em que seguia noite e dia,
poeta que, no mundo, calculava
o que era coisiforme e destoava
da esfera onde o ideal lhes bem servia.

Baixava-me Aristóteles ao caos
a ser esquadrihado a lápis, ou
elevado à potência do ideal.

Mas, quando toda a frota soçobrou,
eu vi que tudo é bom; e, afinal,
no mundo das idéias sempre estou.

IDÉIA DE ADÃO

Não é verdade que eu só diga não
a quem só queira ouvir meu doce sim;
sim, é verdade, sempre tem de mim
paciente ouvido a boca da razão.

Se almejo ir além da compreensão
a matutar até ficar carmim,
é bem capaz que eu fique mesmo assim
porque só tenho idéia de Adão...

Que foi este soneto até aqui
—além da praxe da enrolação—
mais do que ir alternando im com ão?

Acabe de Goiás todo o piqui,
paciente ouvido à boca da razão,
humano é o nome da contradição.

SONETO SOLILÓQUIO

Naturalmente em mim autista hermético,
o drama foi fazendo-me... dramático!,
extravasando até o esquema tático
em prol de um benefício mais estético.

Atleta mais melódico que atlético,
sou simbiose de um sopro pneumático
trompista, e artifício matemático;
e, em síntese, resumo do frenético.

Pois disse-me a parteira no meu parto
que eu fosse à merda!; eu ri, e teve início
a minha saga errante de Pinóquio.

E dentro do meu crânio existe um quarto
em cena teatral donde o bulício
da platéia é aplauso a um solilóquio...

SONETO SHOELESS

No afã de superar minhas manias
de símio faniquítico cristão,
adotei como pai o velho Adão
para circuncidar tudo o que eu via.

Eu quis Raquel, porém casei com Lia,
e ainda de pastor servi Labão;
topei com boi chifrudo em contra-mão,
lançando as bases da Cornogonia...

Corinthiano sou, e não santista,
porque não vi jogar o rei Pelé
que teria me feito um vitorista!

Eu gosto de louvar mesmo é o Mané,
o sumo do resumo idealista,
eu gosto é de mulher que tem chulé!

BELAS ARTES

Sente a consistência do objeto,
sombras, luzes e volume.
Então, lapida a escultura.
O objeto é abstrato,
está em tua mente,
e a escultura é o poema.

Porém, faz ainda melhor:
inclui nele uma cadência
de redondilha maior,
e uma rima na sequência.

Poderás falar de tudo,
mas se o Lula não censura,
que hoje quem andar bocudo
cai no tacho da fritura.

Assunto mais elevado
tens nos costumes do povo,
que muito demasiado
faz do antigo assunto novo.

Podes cantar feito um Dante
a vaidade da Ciência,
mas, sem querer ser pedante,
há nisso pouca prudência.

Louva o Cristo em rima boa,
que assim fez Camões, o tal,

desde Goa até Lisboa
elevando Portugal.

Eu, que sou bocagiano,
sinto meu desbocamento,
mas não é pendor mundano,
é não me passar por bento.

Enfim, canta o teu amor,
assim cantei meu primeiro
verso, que faz-me propor
tom igual no derradeiro.

Nhandeara, 6 de agosto de 2014

FALOU SOZINHO

Se tanto foi escrito, me é forçoso
o ofício de escrever a essa gente;
verdade seja dita expressamente:
Verdade é o Soberano Magestoso.

Palavra diluída em lacrimoso
minguado verso meu ingentemente
diante da Palavra onipresente
conduz-me de tal modo sempre ao gozo!

A Vida bem vivida e celebrada,
Verdade seja dita, é o Caminho
da história tantas vezes recontada.

Iria eu escrever sobre o carinho
plantado no meu peito a mão de fada,
mas vejo que o Amor falou sozinho!

BORDADO

O meu corpo é um novelo
do linho mais amarelo,
minha vida é desfazê-lo
no verso do amor singelo.

Nas tantas noites que velo,
castigando o cotovelo,
as rimas a quem apelo
são a voz do mudo zelo.

Assim, eu deixo um bordado
neste planeta a quem tem
lido o que tenho deixado.

Se acaso você também
tem-me igualmente estimado,
borde-me aí do seu lado.

INTÉ

Deus, para não ser só, fez-se Trindade;
e tanto de Amor tinha guardado,
que ao lavor de um teatro planejado
em Redenção ergueu à Humanidade...

Eu, por viver tão só em toda idade,
não tenho nem ao menos um cajado
para desfalecer morto escorado,
talvez esteja falho da Vontade.

Vontade que do Caos faz engrenagem;
palavra, sopro, amor de toda gente,
convívio, comunhão, camaradagem.

Mas eu, que amigo sou de um indigente,
amigo não serei de quem não é:
—Não desça do vagão do trem, inté!

BOOK 88
para o amigo Tonho Oliveira

Assovio flauta atual, foi vossa
darradeira menção de vosso ofício,
e eu fiz estes palíndromos por vício
às sobras, o don no dosar bossa...

Mas vide que o soneto, minha nossa!,
tem falha métrica, a bem do artifício,
na tal palindroforme estrofe, indício
que o Tonho em apuros põe-me à troça.

Pois é, o autor do "oitentaoitonho", a mim,
pediu que versejasse para o livro,
o "Book 88", cheio de artes

impossíveis à la Escher; e, em fim,
do teu pedido, amigo, não me esquivo
ainda que o soneto tu descartes.

O VERSO SIMPLES

"A vida inteira eu quis um verso simples"
a fim de transformar tudo que digo
em melodia amiga aos meus amigos
e inimigos, amigos que hão de vir.

Que a forma, disciplina a qual eu sigo
esquivo ao verso-livre, não me prive
do livre pensamento, e um dia em fim
eu livre me desligue do que ligo.

O verso que virá resume a vida,
une as pontas e une a unidade
do que era dispersivo e sem guarida.

A vida inteira eu quis achar verdade
em toda ingratidão desmerecida,
e o verso simples sempre foi saudade.

18 de janeiro de 2012

TONHO DITO!
para meu amigo Tonho Oliveira

É o que tonho dito:
da vida às margens plácidas do Ipiranga
germinou, como que um dever cívico,
o ofício de trovador
do trovão da dor do dedo
indicador do deus Dionísio,
ébrio feito Escher concebeu do
Mundo das Ideias
Ideias do Mundo
ébrio, feito Escher concebeu do
indicador do deus Dionísio.

Do trovão da dor do dedo,
o ofício de trovador
germinou, como que um dever cívico
da vida às margens plácidas do Ipiranga:
é o que tonho dito.

Nhandeara, 19 de janeiro de 2012

ArquiteTonho

(ler de cima pra baixo e de baixo pra cima)

calo em sentir

quando o que não disse

por conta daquele alcandorado dia

de nossas vidas fragmentadas

é real na unidade

de um desenho à la Escher

quando o ArquiteTonho sorve inspiração.

19 de janeiro de 2012

APOLOGIA DA ESTÁTICA

Imóvel permanece quem na vida
se encontra satisfeito por completo;
tem tudo, mesmo sendo analfabeto,
quem vive agora a sorte prometida.

Mais vale a permanência que a partida
se talvez o além-mar nos guarde afeto,
posto que não há gozo mais seletivo
do que prezar a sorte recebida.

O mundo foi criado por amor,
mas por paixão está em movimento;
de maneira que ocorre-me supor:

Tendo Deus agitado o firmamento,
e dado a nós a Sua semelhança,
serão leis o mover e a esperança?

SONETO À MODA DA CASA
ao poeta Vinícius de Moraes

Não comerei da alface a verde prega:
eu nunca fiz questão de andar na moda,
ser vegetariano me incomoda;
um lombo, uma chuleta... não se nega.

Quem desde muito jovem já se apega
à mania fraterna de na roda
botar o seu jiló, rapaz!, à poda
de tudo quanto é pau faz vista cega...

Meu lado ecologista, aqui, preserva
os paus no seu lugar, dentro da mata,
e as cobras se escondendo pelas moitas.

Concordo com Vinícius: comer erva...
além de coisa insípida, é mui chata,
pra quem já lambuzou-se em carne afoita!

THE LEGEND OF 1900

O barco sintetiza o nosso autismo,
o porto nos aparta do que é mal
que é terra firme afeita ao vil metal
onde naufraga todo idealismo.

Sim, em verdade, o nosso esquisitismo
é lápide funesta sepulcral
durante toda a vida. Na real,
o medo não me assalta ao pé do abismo.

Pois sei que o reles fado da matéria
é o caos quem rege, ou seja, a mão de Deus,
fazendo tudo em prol do bem maior.

E o mundo já parece uma pilhéria,
em tudo sendo bom no caos, e os meus
dias são mais reais no além melhor.

Soneto de Santos Dumont

No alegre turbilhão da juventude,
no esplendor do motor por explosão,
em meio de projetos a efusão,
criar o aeroplano então eu pude.

Crete no ser humano, na virtude,
tudo era festa!, tudo empolgação,
"belle époque"... , ninguém pensava não
que Marte conspirava oculto e rude.

Veio a guerra, o carrasco do progresso?;
talvez não, pois usou-se o aeroplano:
não o inventasse, agora triste eu peço!

Somente o ser humano é desumano...,
e, assim, por suicida eu quis ingresso
na morte-símbolo do ser humano.

Soneto ao Idiota

Tudo de bom já foi escrito; e eu:
que poderei somar à arte escrita?,
pois, hoje em dia, quem escreve, imita
as idéias de alguém que já morreu.

Infeliz todo aquele que nasceu
na era Huxley, época maldita:
com pena não se escreve, se digita
o grito! que é da máquina, ou meu?

Não termino o soneto, e já se esgota
a lástima que eu tinha a esparramar;
e quem lê faz a vez de um idiota

que quer ver onde é que isto vai dar:
vai dar no céu, no mar, na flor que brota...
de todos os clichês da dor de amar.

Jacó e Raquel

“Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela”
(Camões)

Sete anos pondo fé Jacó bebia
cachaça por Raquel, caipira bela;
mas não bebia só, e sim com ela,
porquanto embriagá-la pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava contentado na esparrela;
porém a moça, usando de cautela,
jamais se embriagava, só fingia.

Vendo o pingüço, assim, que com enganoso
sempre escapava sóbria a sedutora,
pudicamente e nada doidivana,

despenca-se a beber outros sete anos,
dizendo: —Mais bebera se não fora
para tão grande amor tão pouca cana!

SONETO FERROZ

Eu não quero o lirismo comedido,
como já disse o velho e bom Bandeira;
eu não quero a bandeira brasileira
entre tantas de um mundo dividido.

Eu quero o amor geral, o Amor perdido,
difuso, tão confuso, assim sem eira
nem beira, só a vontade prazenteira
de viver sem jamais ser iludido.

Eu não quero este mundo decadente
que se ufana a dizer ser progressista
num suicídio lento, enquanto mente.

Eu quero é o ideal surrealista,
a doída sanidade do demente,
a lúcida loucura do autista!

SONETO MARGINAL

Silvam velozes ventos; reverberam
luzentes melodias de engrenagens;
os carros saem todos das garagens;
quatrilhões de neurônios deliberam...

Gigantes colossais gusa encarceram,
e vertem a matéria das ferragens;
nas árvores germinam as serragens,
enquanto todos sonham que prosperam...

Avante!, urbe, metrópole paulista:
"non ducor, duco", diz teu bravo lema;
teu lema insubmisso, idealista!

Enquanto, fora, voga tal esquema
de progresso, barganhas e conquista:
eu, marginal, cinzelo este poema.

www.cancaodoexilio.com

Colhendo a “cinza das horas”
no meu claustro negro e frio,
já velho sem negro fio
sobre o crânio que demora

(contra o câncer que o devora)
a ceder sem glória e brio,
sem o porvir já tardio
do riso infantil que chora,

eu, o “cadáver adiado”
todo avesso a polidez
já não pensava, extasiado

em obscena vetustez,
quando fui repatriado:
— quem conversa em PORTUGUÊS?

WE?

Loneliness is a so natural state
of any living matter you will find;
'cause when I was a child, now I remind
myself: I was alone, that was my hate!

I had a mother, a father, a faith,
and the true love of my sister, so kind...
come from the very equal flesh of mine,
and, yet, I was I behind the soul's gate!

Now, where's my faith, my sister, where am I?
in this spinning sphere which just says good bye
to teach us good bye, to teach us to pass...

As our life goes too fast, we're lonely as
the fast space-ship that goes faster as far
it is from us, from the Origin we are!

ASTRONAUTAS DO PASSADO

O gigante impávido colosso
jaz contemplativo:
...é, e o que fiz de mim?

O gigante corrói-se por dentro:
Faltou-lhe a fé?
Talvez não, mas foi vil
por poder ter sido e não é
venturoso, Brasil.

Há séculos aqui aportaram
os astronautas do passado
que o bravo Atlântico singraram;
e agora Portugal, do outro lado,
chora a cantar um fado dolente
com nostalgia daquela sua gente
que com coragem sobre-humana
dilatou o mundo
plantando a cruz em cada continente.

CONTRADIÇÕES

Portugal...

Lá meu passado deixei,
No chão que nunca pisei.

Não faz mal...

Mal é o mundo que pisei,
Que pisou-me e não deixei.

Frio val...

Das mentiras que aceitei,
Das verdades que inventei.

Pá de cal...

Finda tudo que sonhei,
Mal-me-quer que não plantei.

Prantinal...

Lembro tudo que não sei,
Lembro o que nunca serei.

Funeral...

Amo a morte que esperei,
Espero a mulher que amei.

MEMÓRIA DO FUTURO

Era um retrato cinza, preto e branco...
do tempo dos antigos, de primeiro,
quando a morte assombrava o mundo inteiro
e o fuzil vitimava a cada tranco.

Em uma vila, à beira de um barranco
de escombros e despojos de guerreiro,
tendo ao fundo o adejar de um bombardeiro,
chorava uma criança sobre um banco.

Fechada a boca, lágrimas desciam
silentes sobre o espelho da lembrança,
e no sangue do chão se diluíam...

É toda a espécie humana esta criança,
e as lágrimas que dela se esvaíam
sustentam nova edênica esperança.

SONETO AOS PÁSSAROS

A Águia, para o súdito romano,
foi símbolo de força, paz e guerra;
também nas plagas da Nova Inglaterra
ela é rainha sobre o ser humano.

No mesmo continente americano,
seguindo rumo ao sul, como quem erra,
Cabral foi venturoso ao dar na terra
do bicudo e pacífico Tucano.

Românticos tiveram no Condor
um ícone ideal e soberano
para expandir seu estro e bem se impor.

Caipira, aqui na roça, mais sincero
figura o masculismo sem engano
que tem a marcha gay do Quero-quero!

SONETO DA EXCEÇÃO

O mundo deve estar mal arranjado,
desencontros se dão a todo instante:
um chora desprezado, sendo amante;
outro despreza, sendo bem amado.

Se por divina mão edificado,
nosso planeta vai, porém errante,
seis dias não terão sido o bastante
para trabalho assim tão complicado.

Gente boa a sofrer a vida inteira
é vista em toda parte sem pecado,
e gente má é vista prazenteira.

Meu caso de exceção vai ajustado,
porque, se pecador sou de carreira,
no mundo, dores mil tenho penado.

TEOLOGIA DAS PROBABILIDADES

A gratuidade do Bem é aleatória.
A maldade é sempre intencional.
Portanto, o que é aleatório é divino.
As mutações de DNA são aleatórias.
As mutações de DNA são divinas.
O caos é aleatório ao controle humano.
O caos é divino.
Existir vida em um planeta de um sistema solar é aleatório.
A vida nesse tal planeta é caótica.
A vida em um planeta é vontade de Deus.

UM OSCILOSCÓPIO POR TI GELA

A tua voz, para sempre, gravada
em minhas retinas,
é a imortal imagem tua ecoando
em minhas trompas de eustáquio.

Pois tamanha
confusão mental
de profusão colateral
tu desencadeias
no meu osciloscópio redundante,
que pleonasma!

CÂNTICO EM DESCOMPASSO

Uma insone prantina, orvalhando o lençol,
a cintilar, reflete o que não há de sonho
no cântico ideal feito réquiem medonho
em pentagrama impresso ao arribar do Sol.

Mas, a cada manhã, revigorar suponho
o cântico, alentando-o mais em cachecol
insano, e espiralado qual um caracol
a furtar-se do agreste, gris mundo enfadonho...

Mundo enfadonho!, duro, rijo em teus limites:
por que dás-me esperança?, se tanto é proibido
sob a tua foice atroz; por que sonhar permites?

Amo, sabes?, mas este bem vem preterido
pelo tempo de eu não-ser, e nada há que evite
se aflora-me anacrônica cruel libido.

Décima da Mulher

Mulher é um bicho esquisito:
sangue três dias lhe escorre
a cada mês, e não morre;
mas, se lhe pica um mosquito,
faz alarde igual apito.
Um bicho assim que por “regra”
sua estranheza não nega
me dá um medo patente:
pois não é que uma vidente
via tudo, sendo cega?!

NAVIO
a Camões

Este que os mares singra com pujança,
vaga de continente a continente
a levar para sempre um bem ausente,
a trazer o imigrante e a esperança.

Com coragem viril ao léu se lança
da fortuna até mesmo imprevidente
que, por vezes, não sai impunemente,
a soçobrar qual sonhos de criança...

Navio ou belonave, embarcação
que rasga com o peito despojado
o líquido da vida ou perdição,

carregou, no seu ventre, do passado
os astronautas sem hesitação
"em perigos e guerras esforçados".

AVIÃO

a Alberto Santos Dumont

Dos anseios, primaz da liberdade
que resume a mecânica beleza
e, furtando do pássaro a destreza,
acaba por vencer a Gravidade.

Milênios só de ingênua veleidade,
atada na primata natureza,
contemplava a cerúlea realeza
a eterna sonhadora Humanidade...

Então, eis que não mais podendo um dia
de um Ícaro conter sua ambição,
o céu genioso enfim se renderia

à vontade voraz de criação
que no elenco da brava engenharia
conquista o ar, nas asas do Avião.

AMOR DE CORNO

Eu devo ser tratado como um verme:
qualquer castigo é pouco para corno,
conforme diz o povo; e pese o adorno
sobre a minha cabeça a entreter-me...

Quando ainda eu gozava na epiderme
o tátil gozo do teu corpo morno,
delegava ao sabão, vassoura e forno
o afeto que não pôde comover-me.

Mas neste pranto em forma de bolero,
eu me humilho até o cúmulo do brega
se ter-te novamente é o que mais quero!

Na fossa a gente vê que o bicho pega,
na lata implorarei sem lero-lero
até que desta voz não reste prega!

IMITAÇÃO DE CRISTO

Não faço apologia ao sofrimento,
nem ojeriza tenho ao mundo e ao gozo;
não sou vanguarda, nem tampouco idoso;
mas, sim, dou viva ao livre pensamento.

Da graça da fé cega estou isento,
mas da graça e fé cega sou cioso,
e almejo o Paraíso esplendoroso
prometido por todo sacramento.

Cuido, porém, que Cristo deu exemplo
ao sofrer o martírio no Calvário,
altar desta verdade que contemplo:

Será no mais extremo e perdulário
despojo, sem amparo, mãe, ou templo,
que hei de ver Deus em meu itinerário.

ARTE METAFÍSICA

Estranha arte é esta de escrever...
Sem pincel, sem cinzel a obra cresce
e toma forma, e nem forma carece
para que a outrem venha a entreter.

Um papel sujo basta ao seu mister,
um papel que no lixo alguém esquece...
Na folha rota que o desdém merece,
é nela que o poema vai nascer.

Poesia, prima-irmã da Matemática
que no papel também faz teorema,
tem ela sempre musa mais simpática.

Seguem Música e Dança o mesmo esquema,
brotando da sublime e etérea prática
qual do nada também brota um poema.

SONETO DE NASALIDADE
a Vinicius de Moraes

De tudo ao meu nariz serei atento;
e tanto e pouco e no jamais e antes,
que mesmo em face de dois elefantes
mais cause minha tromba alumbramento.

Por ele hei de viver sempre asmático
de assoar minha alma, e escarrar sua escória;
enamorado e não menos pneumático...
da sublime função respiratória.

E assim, quando mais tarde me procure
quicá o vexame, angústia de quem vive,
quicá a rinite, conforme Deus mande;

possa eu me dizer do nariz (que tive):
que não seja imoral, inda que grande,
mas que seja aquilino, e não pendure.

Minha Nora Vidente

Achei, de minha parte, coisa boa
os zelos e cuidados que agora
ao meu filho dispensa minha nora,
a qual varre, cozinha, e ensaboa.

Pois, antes, nem sequer mesquinha broa
degustava meu filho ao vir da aurora,
moído a sustentar a tal senhora
que ao banho não se dava, tão à toa...

Hoje em dia, meu filho passa bem:
a mulher tomou viço e se perfuma,
cuida do lar com ânimo também!

Mas a transformação se deu, em suma,
depois que um “anjo” lá chegou —de trem—
por benzer as mulheres, uma a uma!

SONETO NACIONAL

Nasceu lá no Ipiranga a pátria amada
de um povo bonachão e sempre plácido,
mas de brio resistente ao próprio ácido
gástrico a digerir a feijoada!

Fulguras, ó Brasil da caçada,
qual um tendão-de-Aquiles cá da América;
porque, se primas na tragédia homérica,
tua comédia é a mais esculhambada!

Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
verás que um filho teu, se foge à luta,
o faz somente em nome da labuta;

e, ao fugir do batente até a morte,
canta mais alto seu canto guerreiro
na cadência a sambar, bem brasileiro...

ORAÇÃO

Serena alegria é ouvir Vosso eloqüente
e impassível silêncio,
que ensinou-me na primeira infância
a conversar com os seres mudos do milagre
da Criação.

Por meio deles, meu Deus, Vós me ensinastes
a constante oração que nada pede,
a qual o Cristo pôs em palavras
dando "a César o que é de César,
e a Deus o que é de Deus".

Só faz sentido pedir a boaventura
da Fé,
razão de ser Humano.

POR TODA A VIDA

Quando eu era pequenino
a falar comigo mesmo,
a viver ao léu, a esmo
na sem-razão de menino:

Felicidade era a minha!,
andando de braço dado,
fingindo ser namorado
de minha irmã caçulinha...

E os adultos que passavam,
da tolice que julgavam,
zombavam muito de mim.

Não sabiam, por cegueira,
que iriam a vida inteira
procurar algo assim.

MISANTROPO
(as maritacas)

Que tenho eu a ver com este mundo
de gente?, turbilhão da vã rotina;
defuntos ambulantes, cega sina
movem despertos num sono profundo...

Falem, falem mais, encham o meu saco!,
que eu sozinho depois longe da rua,
do silêncio as delícias tenho a Lua;
e, plenos, muito rimos de vós: cacós!

Muito mais vale ter por companhia
um bobo alegre, um grande imbecil
que um hipócrita grave e varonil.

Digam que sofro de misantropia,
mas à mulher prefiro a MARITACA
(que nem dá o que dá de bom a vaca).

Por Que o Mundo Existe?

Se Deus permite o mal, há um motivo,
que é transformá-lo em bem —só pode ser—;
eis a razão do nosso padecer
nas garras do pecado assim cativos.

Vivia o pai Adão como um nativo
silvícola tupi, a bem dizer;
e o pranto lhe foi dado conhecer,
a fim de o júbilo sentir mais vivo.

Pois “tudo se encaminha para o bem”,
comenta o Catecismo com justeza
aos crentes pela fé e na razão.

Deus fez o mundo —a isto digo amém—
para que se expandisse a singeleza
do Seu amor em cada redenção.

DRAMA TOWARDS HEAVEN

Began the world from nothing, what so odd;
miracle is that matter came to be;
but, based on human reason, i can see
the evidence that matter is of God.

On a strange and dark, maybe winter day,
that can't be found on any calendar,
the Holy Lord full of divine regard,
began to be a poet and to say:

"Let there be light" on Earth, lyrical stage!
Since then, a human drama is the play;
the entrance is free, or a life to pay...

...A life to gain! Like ink on a blank page,
through time, goes printing the will from above,
on us, the goal of God of good of love.

LEI NATURAL

Se Humanidades faz de tudo egoísmo,
e Biológicas
essa divinal essência
a reduz a mera Química,
que salve Amor
Astronomia,
cuja providencial ciência,
da atração dos corpos
com propriedade elucidada:
Gravitação Celestial.

PÉ FRIO
(ficção total)

Os sapatos vou pôr na geladeira;
explico: sempre fui muito azarado,
pois logo que nasci me foi cortado,
além do umbigo, um membro por cegueira

ou descuido ou maldade da parteira,
sei lá!; só sei que agora, mutilado,
avexo-me de só mijar sentado,
pois do contrário encharco a calça inteira...

Por conta desse corte fui cortado
de fazer na Marinha uma carreira,
nem ganhei a patente de soldado.

De Vênus não desfruto nem que queira
um beijo. Sou pé frio, e, conformado,
os sapatos vou pôr na geladeira!

A PEDRA DE NEWTON
a Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha ein Stein,
tinha ein Stein no meio do caminho.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minha Física tão Clássica.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha Einstein.

PORTANTO
a Ruy Barbosa

De tanto ver vencer a nulidade
sobre o real esforço e competência;
de tanto vicejar a pestilência
num estéril jardim de humanidade;

quando mais nada vale a proibidade,
e a malícia suplanta a inocência;
de tanto padecer a dura ausência
da crença no poder da honestidade;

verificando, já sem esperança,
que a única certeza é a morte rude,
e que zombam da sua confiança;

de tanto ver a ignóbil atitude,
louvada, prosperar com abastança:
o homem vai perdendo a virtude.

À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

“No princípio, era o Verbo”, e o Verbo amava,
e, para amar, deu vida à criatura.
Porque ser Deus, ser Deus não Lhe bastava,
determinou a Redenção futura.

Javé, que sempre o povo Seu guiava,
sendo Senhor, desceu de tal postura
de fria impavidez que O amargurava,
pois Deus quis ser PAI, e pai de ternura.

Mas só ser pai não Lhe bastou, ainda
quis ser IRMÃO, e Se entregar exangue
nas mãos sem nexo de sinédria gangue.

E, para ser irmão, na Sua vinda,
o bom Deus recorreu à poesia:
foi FILHO de uma virgem mãe, Maria.

O BEIJO

O meu amor é coisa indefinida:
existe dentro em mim um sentimento
que oscila entre o riso e o lamento
ao compasso do pêndulo da vida.

Em tudo quanto vejo ou invento,
sempre a ternura se me faz sentida;
assim, amo a chegada e a partida,
amo a carne e o casto pensamento.

Por tudo que acontece sem razão,
ou talvez pela extrema solidão
que me faz desviar do senso reto,

em uma noite quente de verão,
o cúmulo senti do meu afeto:
enteneceu-me o beijo de um inseto!

UMA LENDA QUÍMICA

Nos manuais químicos dum laboratório
um Cloreto de Hidrogênio apaixonou-se
um dia
exotermicamente
por uma base.
Vislumbrou-a com seu olhar abrasivo
de uma reação reversível:
uma figura iônica;
olhos 2 molar, boca dativa,
corpo isobárico, seios em suspensão aquosa.
Fez da sua uma vida
à dela eletropositiva,
até que se encontraram
numa solução.
"Quem és tu?" indagou ele
em precipitado.
"Sou filha dum Alcalino, e neta do Oxigênio.
Mas pode me chamar Hidroxila, de Sódio."
E de falarem descobriram que eram
altamente reagentes.
E assim se amaram
num ciclo de oxi-redução,
oxidando
ao léu da temperatura

e da pressão
metais, não-metais, semi-metais,
por entre as colunas da Tabela Periódica.
Escandalizaram os ortodoxos
e desbancaram Lavoisier;
desmoralizaram Clayperon
e a relação de PVT.
Enfim, resolveram atingir um equilíbrio,
constituir uma família;
uma família de gases nobres!
De nobreza nada tinham;
nem um tio Xenônio,
nem um primo Hélio.
Mas o produto que tiveram
foi mais venturoso
e providencial.
No bojo dum erlemeyer,
com rendimento cem por cento
nasceram
Água e Sal.

ATO DE CONTRIÇÃO

Perdão, Senhor, porque demais pequei;
e vós, irmãs e irmãos, por mim rogai
perdão também a Deus, de todos Pai
em Cristo, condenado sendo a Lei.

Esqueço-me amiúde que não sei
aquilo que é melhor, e o que me vai
na mente é um saber que em si se trai
traíndo o sacrifício do meu Rei.

Um Rei que foi plebeu por entre a plebe,
e morto pra salvar Seu filho Adão
ingrato, que evadiu-se além da sebe.

Estou eu cá na mesma ingratidão
vexado porque Cristo me recebe
de graça, ainda quitando meu perdão!

Nhandeara, 19 de agosto de 2014

ATLETA

Antes de vir o sol, de madrugada,
viril disposição o impulsiona
a correr até uma maratona,
apenas por começo de jornada.

Com seu porte de esfinge levantada,
o atleta os músculos abona,
e se gaba de nunca ir à lona,
pois é do Olimpo amostra coroadada.

Mas por estranhas leis que o amor decreta,
por tudo que acontece sem razão,
as mulheres preferem o poeta...

De maneira que a pose de machão
só acaba por deixar o ledo atleta
mirando o espelho, doido de paixão!

A COISA
(sátira ao Simbolismo)

Coisa coisal, coisinha casual...
Coisona, que coisa mortal, que morte!
Enxoval de mortalha sepulcral
Ao léu, na Penumbra, da vida a Sorte...

Em brancas nuvens agora eternal,
Suspensa nos adocicados sons
Sem o peso das coisas do coisal...
Na harmonia veludosa dos bons.

Coisa angélica, gélida coisinha...
Absoluta coisona de um rapaz,
Meu choro cinza, triste Coisa minha...

Coisal esperança, aliança, paz!
Pertinentemente complementar,
Coisinha essencial ao pé do altar.

POESIA,
partícula expletiva

Mundos em sucessão
muitos, muitos...
cada um diverso do precedente;
outros conceitos, nova concepção;
todo instante uma verdade;
em número imensurável
arranjos,
simultaneamente
realidades
distintas semelhantes cambiantes particulares
por causa dos mundos
concupiscente
conjugação.
Assim o "lá me faz bem",
assim o "lá não suporto",
o "que felicidades!",
e aquela situação exasperante...;
todo instante
um parecer;
mundos em sucessão,
o que é vai já deixando de ser:
umas pessoas –tudo bem,
outro arranjo –também,
o mesmo arranjo e cai mal;

bom-ruim-tanto faz
-e Poesia onde cai?
Poesia e seus versos
luta, pro-
cura por
cura
a propor
em luta:
pareceres? reflexões?
indiferença dos cétricos
herméticos ven-
cidos porém!
Poesia de alguns
compunção, talvez
con-
solação
não;
a troça de outrem,
troça do próprio poeta
janela
e cai
Poesia em todo mundo em ausência
onisciência
trivi-
al tanto faz
pois toda vida
janela
e cada janela um mundo;
muitos, muitos...
e o Mundo tantos mundos
em conurbação de mentes

dementes
nos põe
em social conjugação;
e eu e meu vizinho e eu
e nosso vizinho ele
de um mundo terceiro
de sua janela terceiro mun-
dista assim como eu assim como tu
desde manhã percorre mundos a fio
(pela vida que vê de dentro
pela vida que vive fora)
no jesto mais efêmero,
aos furtivos olhares,
nas palavras soltas,
no discurso grave,
em tagarelices
tristes felizes
a cada mais volátil instante
ante
da vida as implicativas
combinações
de vida de mundos-instantes
cambiantes;
tudo sendo instantâneo,
tudo particular
—Poesia, partícula expletiva.

SONETO DO SÉCULO

(ao meu falecido avô materno José Barbosa de Oliveira,
que viveu o século)

Primeiro a Física fez do universo,
que outrora foi euclidiano, curvo.
Porém, o humano senso ainda turvo
remanesceu atrozmente perverso.

Pássaros de aço transpassam os ares;
deu graça a música dos anos trinta;
mas o juvenil sangue foi a tinta
da história belicosa de pesares.

Um "Brave New World" assim foi se criando;
o mundo dividido e unificado
viu progresso inefável acelerado.

A tecnologia impõe o seu mando;
a eletrônica alcança o requinte.
Eis o turbulento século vinte!

MOVIOLA

Prepara o filme, e põe na moviola;
Eu quero apenas não querer mais nada,
A minha fita é fita rodada:
Não mais ouvidos dou à corriola.

O ceticismo que ora me isola
Já foi ingênuo amor, já foi cilada.
Adeus mulher, adeus à pátria-amada;
Puxo o bonde empurrando a carriola...

Prepara o filme, e põe na moviola;
Na edição, a tesoura enferrujada
Não há de nos servir, fica calada.

O nosso filme é bom e não enrola:
O que vale mesmo é a gargalhada,
O resto é peta, é burla, ou é piada!

APOLOGIA DO CORNO

Terei do amor um nojo rancoroso;
podia ser, por tanto que hei sofrido
em femininas teias iludido
esparro e corno, e corno não zeloso.

Mas não; sou mais altivo e valoroso
paladino fiel, mesmo abatido,
do conformismo aos cornos conferido
desde o mais novo até o mais idoso.

Não se deve temer, sendo traído,
o apodo de cabrão ou melindroso,
nem o ornato na testa já crescido.

Porque será mais vil e doloroso
nunca beijar um lábio apetecido,
e furtar-se do chifre glorioso!

SONETO DO FIM

O fim da gravidez é o nascimento;
o fim do nascimento é dar a vida;
o fim da vida é a sorte prometida
e revivida em todo sacramento.

A infância é finda com o crescimento,
que transforma a mulher bem mais querida
ao homem já viril em sua lida;
tudo a fim de que exista casamento.

O começo do fim é o Universo,
e nele começou a Humanidade,
que, um dia, começou a fazer verso.

O verso tem por fim posteridade
se o destino não der-lhe um fim perverso;
enfim, o fim do fim é a eternidade.

SONETO À SOGRA

Quem ama a mãe da esposa é destinado
a ter segunda mãe no casamento,
cujo desvelo afável faz momentos
de eternidade, eternos, conjugados.

Caminha o marido lado a lado
com os pais do querido complemento;
quem quer dessa família estar isento,
não pode ter seu próprio clã honrado.

Ser mãe de um ser amado é dom divino,
se santo é o próprio Amor que nos dá a Vida
que vem da Virgem Mãe do Céu querida.

Portanto, aqui redijo um ledo hino,
se tal subido lastro um genro logra
expondo como é bom amar a sogra.

Rendição

Flameja uma bandeira
No campo de batalha.

Não quer mesmo que queira
Da pátria a mortalha.

Junto à bandeira arqueja
Um soldado que manca.

No horizonte flameja
Uma bandeira branca...

OS PORTUGAS

CANTO I

(antes da ressurreição)

1

As armas e os barões atrapalhados,
Que da accidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes insultados,
Passaram muito além da mente insana
Em pegas-para-capar desnorteados,
Mais do que os que estimula o rum-de-cana,
E entre gente mais torta edificaram
Novo Reino, que tanto avacalharam;

2

E também as piadas gloriosas
Dos Portugas que foram difamando
O bom-senso, e as terras viciosas
Do Brasil foram só bisbilhotando;
E aqueles que por obras desastrosas
Vivem da lei da morte se esquivando;
Sorrindo espalharei por toda parte
A desmesura em Vênus, Terra e Marte.

3

Cessem do nécio Gago e Paraíba
As confusões heróicas que aprontaram;
Cale-se de bombinha e de biriba
O furor da mamãe que provocaram,
Pois o portugo peito é sempre arriba,
De quem Neptuno e Marte assim zombaram:
Cesse tudo o que a Musa velha arrota,
Que furtivo é o peido que se nota.

4

E vós Sátiros lindos, pois criado
Tendes em mim um novo pervertido,
Se sempre em verso liso e bem safado
Celebrei vosso mato divertido,
Dai-me agora um som alto e perfumado,
Um estilo maldoso intrometido,
Por que, de vossas moitas, Febo diga
Que saiu assustada a Rapariga.

5

Dai-me uma pamba grande desejada,
E não um clarinete ou flauta ruda,
Mas a tuba canora avantajada,
Que ao peito ascende e a cor ao gesto muda;
Dai-me esse entusiasmo da gozada
Gente vossa, que ao Riso tanto ajuda;
Que se espalhe a pilhéria no universo,
Se tanto despautério cabe em verso.

6

Manuel Joaquim, herói da nossa gente,
Partiu de Portugal mui furibundo
Com o Destino, este indecente,
Que o confiou nas mãos do Velho Mundo;
E arribou no Brasil, todo contente,
A fim de mergulhar até o fundo
Num barril generoso de cachaça;
Vê-lo assim dava gosto, dava graça.

7

Depois de beber tal tonificante,
O portuga quedou-se a lamentar:
Queria ver Maria, sua amante;
Largado ao celibato do além-mar,
Encasquetou a idéia no talante
Que, no Brasil, preciso era casar;
Esteve por alguns dias inquieto,
Carecia escrever o analfabeto.

8

Então, para Maria enviou
Uma fosfórea caixa, em sinal
Do grande amor que sempre despertou
No seu portugo peito angelical
A boca desdentada que beijou
Numa moita dum bosque em Portugal;
Mas, dos fósforos não valeu nenhum,
Pois Manuel testara cada um.

9

Sequioso por ler a correspondência,
Manuel pedia a Pedro, mais letrado,
Que lesse em alta voz com diligência
As cartas que enviava o ente amado;
Em uma nobre mostra de demência,
Os ouvidos de Pedro eram tampados
Pelas mãos do portuga cauteloso
Em preservar o assunto sigiloso.

10

Maria de Oliveira Corrimão,
Desde sempre beata de carreira,
Levava sua bíblia na mão,
Levava sua vela na algibeira,
Deixava mui feliz o sacristão
Cuja cara luzia prazenteira;
Esta mulher, portuga exemplar,
Chorava o Manuel no além-mar.

11

Maria se aprazia em contemplar
Todos os santos feitos de madeira;
Gemia de fervor ao pé do altar,
Tamanha a sua fé tão verdadeira;
Deixava mesmo até de respirar
No momento da reza derradeira;
Pois é santa a portuga concubina,
Que agrada ao homem que não é sovina.

12

Com os pretos mostrava caridade;

Sem racismo, pintava-os de cal
Dando a todos a sua claridade;
Segurando a brocha pelo pau,
Conheceu uma sã maternidade,
E assim tão pura nunca se deu mal;
Entanto, Manuel ia sofrendo,
E na testa um ornato ia nascendo.

13

Manuel, sendo burro mas não besta,
Arranjou outro amor, e sem tardança
Fez o Pedro escrever uma funesta
Missiva, pondo cabo à esperança
Da Maria lograr pela fenestra
Penetrar no Brasil da maré-mansa;
A portuguesa, ficando em chão natal,
Lamentou ter nascido em Portugal.

14

Manuel se enfeitou e pôs gravata
Para ir ao encontro triunfal
Da musa que do samba é diplomata,
Que neste mundo não acha rival;
Ele se enrabichou pela Mulata,
Riu-se do sem-sabor de Portugal,
E três dias passou tirando e pondo;
O quê?, a bem dizer, é o que não sondo.

15

Por nossa estranha sina sobre a Terra,
Por tudo que acontece sem razão,

Aqui dá-se um milagre que aterra
Na vida do portuga bom varão:
De repente a Mulata um dia berra,
Notando que lhe cresce um barrigão;
Passados nove meses ansiosos,
Os papais se contentam de orgulhosos.

16

A fim de sustentar a farta prole
Que se seguiu depois do matrimônio
(Nota-se que a Mulata muito bole,
Esta obra divina e do demônio),
O Manuel deixou de corpo mole,
E teve que arrumar labor idôneo;
Fundou o brasileiro botequim:
Esta instituição nasceu assim.

17

Pra consolar Maria em Portugal,
Lamentando perder pra brasileira,
Manuel lhe enviava genial
Mistura de farinha bem caseira
Pra emprenhamento não convencional;
Maria prenhe, diz ele sem eira:
"Que coisa nova, que coisa epilética!
Caralhos, criei a Porra Sintética!"

18

Teve também um caso de exceção:
Afonsinho em Lisboa, viu seu pai
Jogando a um mendigo um só tostão;

Já chegando ao Brasil, deu muito mais,
E o menino, confuso da razão,
Pergunta: "Por que aqui tanto assim dais?"
Responde o pai, risonho e zombeteiro:
"Porque este, além de tudo, é brasileiro".

19

Manuel nunca quis o casamento
Da filha com o velho Raoni;
Pois, exigiu do índio provimento
Além do que podia um guarani;
Havia de ter membro de jumento
Esta caricatura de Peri;
Sem vacilo, a resposta logo veio:
O índio ia mandar cortar no meio!

20

Da Mulata com nosso Manuel,
Ao mundo veio gente indefinida
Que eu não ousa pintar neste papel;
Do índio com a filha divertida
Dos, tenros qual jasmim, beijos de mel,
Nasceu robusta a raça prometida,
A raça malandrinha e fuxiqueira,
A raça da brava gente brasileira.

21

Depois veio a nascer Macunaíma,
O grande mal, a grande tempestade
Que se espreguiça e nunca sai de cima
De uma rede de luxo e de maldade;

E se seu pai louvado cabe em rima,
Deus salve a pena de Mário de Andrade
Que aos povos deu o povo em prosa e verso,
E aos novos deu um novo senso emerso.

22

Voltando ao Manuel, bom português,
Dou fé que um nobre amigo ele arranjou;
O amigo aqui chegou, fazia um mês,
Do distante Japão, e se casou
Feliz com uma doida o japonês;
Pouco custa antever o que passou:
História com portuga e nipolino
É um belo monumento ao desatino.

23

Tendo um filho, o japona quis um nome
Que cá servisse em plaga ocidental
Para o menino nunca passar fome
Ou carestia, ou mesmo passar mal
De diarréia, que tanto consome
O siso do malandro e do boçal;
Querendo batizar o rapazinho,
Foi atrás do portuga, seu vizinho.

24

No boteco, o portuga bonachão
Contemplava a poupança já capenga
Da tal Mulata amor de perdição,
Quando entrou o japona lenga-lenga
Atrás de um nome a dar ao seu varão,

E, sem saber, criou uma pendenga
Compreendendo torta a sua mente
O que disse o portuga simplesmente:

25

“Sugiro que o menino venha a ter
Um belo nome, qual Sebastião,
Vulgo: Tião, herói que há de volver
De Arábia com a glória da nação”;
E o nipolino, sem nada entender,
Deu, à palestra, sua conclusão:
“Sim, gostei do Sugiro, obrigado;
Assim vai se chamar este abestado”.

26

E quando o japonês ficou doente
Já morrendo na cama do hospital,
Dizia: “Soro... caba” falecente
Nos braços do portuga prantinal;
Até que em fim, sem mais e de repente,
Bate as botas o japona, de tão mal;
“Mas, o que foi?”, se assusta o enfermeiro
Chegando bem no instante derradeiro.

27

“Não sei; morreu assim este infeliz;
Apenas Sorocaba ele lembrava,
Urbe talvez de antiga cicatriz”;
Com cara mais atenta e muito brava,
Lamenta o enfermeiro todo gris:
“Pudera, Manuel, você pisava

Na borracha do soro glicosado:
O morto faleceu esfomeado!”

28

No enterro do japona, dá-se o cúmulo
Do orgulho, vaidade e despautério
Quando Manuel, junto ao val do túmulo,
Com voz grave discursa muito sério
E cai-lhe a dentadura de tão trêmulo
Naquela cova chã do cemitério,
Mas, altivo, inda diz num improviso:
“E... leva este meu último sorriso!”

29

Na saga valorosa do imigrante
Alemão, japonês e italiano,
A morte formidável é constante,
Como é constante o esforço sobre-humano
Por fazer que o portuga mais de adiante
Do ítalo, nipônico e germano;
E resta-lhe berrar feito uma anta:
“A minha lança é dura, e se alevanta!”

30

Mas, se todo cristão é português,
E Portugal é toda a cristandade,
E mesmo o bacalhau norueguês
Perde em fé pra portuga qualidade,
A escolha está a gosto do freguês:
Tem salame, toicinho e brevidade;

Tem gente, que fugindo do tridente,
Foi plantar cruz em cada continente.

31

Findo o Império, veio o preconceito
Para com o portuga bigodudo
Por parte dessa gente sem respeito
Que pensa ter brasão e poder tudo
Tão somente porque, digo sem jeito,
Parece que o portuga é orelhudo;
Abaixo ao preconceito, minha gente,
A quem se faz de cérebro carente.

32

Nem todo português se debilita
Diante do malandro tropical;
É o caso do portuga que arrebita
Arrebita arrebita o berimbal
Da Mulata que nunca facilita
Fazendo na avenida o Carnaval;
Salve o Moreira, o Souza, o Oliveira,
Coringas da folia brasileira!

33

Como é certo que um dia tudo finda
Neste planeta pleno de incerteza,
Vou dando cabo nesta história linda
Da raça enobrecida à fortaleza
De um caráter ereto, e mais ainda
Soberbo de façanha à portuguesa;

Pois eu vi quando tudo teve fim;
Foi numa noite, lá no botequim:

34

O turco Farid, grande cobrador,
Tinha brio por jamais se alienar
Do dinheiro, razão do seu amor
Todo feito de débito à cobrar,
E nesta noite quis ver o senhor
Davi, judeu ferrado a não pagar;
A dívida imensa do judeu
Foi razão que com tudo feneceu.

35

Armado de pistola, o turco disse
Ao judeu que de lá não sairia
Sem que a cor do dinheiro ele visse,
Sem saber que Davi se mataria
Para que assim a dívida sumisse
No pó que volta ao pó da sesmaria;
Porém, o turco tira o seu chapéu,
E vai cobrar a dívida no céu.

36

Mortos Farid e aquele fariseu,
Manuel, empolgado, os imita
Arrebentando à bala o crânio seu;
A Mulata lamenta e se agita
Com a frase que não compreendeu:
"Ora, pois, que não perco esta grita
Nem que esteja bem morto lá no céu!"

E o portuga morreu, assim, ao léu.

37

Morte gozada, morte um tanto besta
Esta morte portuga, lusitana;
Se eu pudesse, fazia uma requêsta
Para ressuscitar a mente insana
Do Manuel, herói desta palestra,
Que é portuga, sambista e pé-de-cana;
Quero que Deus ao mundo ele nos mande
Para do mundo a Deus dar parte grande.

CANTO II

(a ressurreição)

1

Recolhendo os miolos espalhados
Pelo chão, a Mulata dedicada
Implorava o perdão dos seus pecados,
Alegando, bastante melindrada,
Sem querer terem sido praticados,
Pois a fé para ela era sagrada:
"Saravá, Santo Antônio de Lisboa!
Tem pena desta filha de Gamboa."

2

"Pois que se sempre obrar foi minha sina
Pelo bem do Portuga, meu marido,

Por quem perdi as graças de menina,
Tendo meu lorto muito padecido,
Afasta-me, senhor, desta prantina,
Que hás de ficar contente e ressarcido;
E juro que se tal se assuocer,
Eu deixo o samba... eu deixo de beber.”

3

Santo Antônio bondoso, enternecido
Por tamanha, singela e pura fé
Da Mulata que sempre tem vivido
De dar tudo por um copo de mé,
Considerou ser justo e merecido
Seu interceder junto à Santa Sé;
Posto que uma figura assim lendária
Não merecia tal morte ordinária.

4

Manuel levantou, de um salto, são,
Exconjurando, fulo, Santo Antônio
Que não o deixou morto em paz no chão
Junto da companhia do Demônio
E suas diabinhas de plantão
Que se davam a ele em matrimônio;
O Manuel até no Purgatório
Tinha que ser portugo e ser notório.

5

Dona Mulata quis comemorar
A feliz, conjugal ressurreição;
Saiu com seu portuga pra jantar

Cheia de si, conforme a tradição
Muito afeita ao estilo popular
De fingir que jamais meteu a mão
Num prato de comida transbordante,
Fazendo-se de chique, de importante.

6

O portuga, que nunca em restaurante
Havia acomodado o seu traseiro,
Rebolou-se por dois ou três instantes
Qual se fosse em batalha um guerreiro
A perder a saúde e o talante
Entre a faca, o garfo e o saleiro;
Queria uma azeitona alfinetar,
Porém ela insistia em escapar.

7

Até que, com respeito, o garção
Disse: "Não é assim, caro senhor",
E com habilidade e destra mão,
Fazendo o Manuel mudar de cor,
O fruto alfinetou no bandeirão,
E em frente do portuga veio a por
Garfo com azeitona qual troféu
Dando afronta ao sisudo Manuel.

8

Mas o nosso herói não se amofinou;
De ar encheu o peito, juntou tino,
A Deus e ao mundo a alma encomendou,
E com tanto conluio assim divino

Que a lusitana gente auxiliou,
Safou-se do garção num desatino:
"Pegaste a azeitona, sim, bem vi,
Mas primeiro eu cansei-a para ti!"

9

Quanto espírito!, quanta inteligência
Vemos aqui na vida lusitana;
Que tato!, que sensata interjumência
Além do terrenal, além de humana
Concedeu-se por Deus com diligência
À raça que dobrou a Taprobana,
E entre gente remota construiu
O Império, a quem tanto divertiu.

10

Gigante, Adamastor é uma imagem
Símbolo da grandeza sem igual
Nascente da vontade e da coragem
Para vencer a mofa, porco mal
Oriundo da ignóbil vassalagem
Sofrida por quem vem de Portugal:
Adamastor, com garbo varonil,
Fez-se peão de obra no Brasil.

11

Eu, outro dia, lendo um bom jornal,
Me informei da atual situação
Em que vive a família em Portugal;
As mulheres evitam concepção
Com um costume casto e virginal:

Lá, varão só se deita com varão,
E o boiolismo agora é permitido
Com aval da moral e do marido.

12

Assim é o bravo povo belicoso
Que em Porto Cale fez-se florescer,
Que desde Lusitânia, chão formoso,
Se arrojou para o mundo submeter,
Cujo Império tão vasto e glorioso
Avistava primeiro o Sol nascer;
E, portanto, também para se amar
Eles põem as espadas pra brigar.

13

O valor português será lembrado
Mesmo que, para isto, em castidade,
Cujo voto é tanto celebrado,
Tenha eu que viver feito um abade
Rezador, penitente e respeitado
Pelas mulheres da boa-vontade;
Pois à vida voltou para ser grande
Nosso herói que faz rir por onde ande.

CANTO III

(haja paciência)

1

Estando, certa vez, no elevador,
Manuel observou gentil inglês
Que ao flato de uma jovem, com pudor,
Disse ter sido seu, sendo cortês;
Pois então adentrou lá no ascensor
Velha gorda a peidar sem timidez
E o Manuel: "Os peidos da velhinha
Que agora entrou, são todos culpa minha!"

2

Mas, pior foi no bonde certo dia
No tempo desta elétrica carroça;
Chovia muito, sim, como chovia!
E o bonde era aberto, que palhoça...
E o portuga sozinho lá seguia;
"Pois, troque de lugar, ora que troça!"
Mas vendo que não tinha mais ninguém:
"Trocar até queria..., mas com quem?"

3

Também logo chegando ao Brasil,
O primo do portuga padeceu
A gozação, galhofa, troças mil
Devido ao nome que seu pai lhe deu:
José Veado, que nome mais vil...
Pois, em cartório, outro recebeu

E por escolha própria foi chamado
Não mais José, porém Vasco Veado.

4

Bem, este primo teve um triste fim,
Mas digno de honrado lusitano;
Foi quando encendiou-se o botequim
E Vasco cometeu um ledão engano
Com o extintor que dizia assim:
"Cabeça para baixo contra o plano";
Pobre Vasco acabou carbonizado
De pernas para o ar, muito esforçado.

5

Sem graça com a fama que lhe dava
Todo o povo de ser tonto e tapado,
Manuel, furibundo, matutava
Num jeito de ser bem considerado;
E, para tanto, pouco lhe faltava:
Era só estudar, ser mais letrado;
Um professor de lógica arrumou
Que ao Manuel assim o ilustrou:

6

"De lógica o mundo está formado,
De bom-senso é que a lógica se embasa;
Por exemplo, discípulo estimado,
Acaso você tem cachorro em casa?
Se tem, tem filhos; não é, pois, veado."
Com este exemplo doido, esta vaza,
Claro que era portuga o professor;

Perdoa-me Jesus Nosso Senhor!

7

Mais doido ainda foi o que se deu
Quando o amigo Pedro perguntou
Sobre a lógica, "coisa de sandeu",
Ao que o portuga logo secundou:
"Tem cachorro no doce lar de seu?"
E Pedro: "Não, com bicho não me dou";
"Logo", fez o portuga entusiasmado,
"És bicha, um boiola, um veado!"

8

Eis sutileza!, eis vigor mental
Peculiar à raça lusitana
Que há de ser interna de hospital
Dando a luz à Ciência Americana
Cujo amor se sublima a Portugal
Nas piadas gozadas tão sacanas
Deste bardo que em seu delírio canta
O portugo valor que se alevanta.

9

Este valor já vem de antiga data
Quando do Manuel um ancestral
Em uma expedição brava e sensata
Acabou bem, mas quase se deu mal
Procurando uma nova rota exata
Rumo à Índia submissa a Portugal;
E por causa de um vento mui cortês
O Brasil é um erro português.

10

Em vez de achar a Índia, o lusitano
Encontrou com as índias tropicais,
E no seu apetite tão profano
Aderiu aos costumes canibais
Abocanhando dez índias por ano
A se fartar até não poder mais;
E desta comilança doida acaba
Que o brasileiro tem um pé na Taba.

11

Dirigindo seu carro, embriagado,
Duma feita o Mané fez uma cena;
Tendo a polícia tanto atormentado,
Inda disse com voz a mais serena:
"Cachaça não me deixa embriagado."
Pois, deu-se alteração na sua pena
Não mais de trinta dias no xadrez,
Porém, conforme é justo, só de um mês.

12

É posto Manuel com um leproso,
O qual na cela quer meter-lhe medo;
Eis que o pérfido, podre criminoso
Arranca e joga fora o próprio dedo;
Não dando o outro mostras de ansioso,
O vilão joga um braço já azedo,
Ao que o nosso herói solta gritos loucos:
"Ó pá, o gajo está fugindo aos poucos!"

13

Depois de conseguir a liberdade,
Muito mais aprontou o Manuel
Com o seu nobre estilo e dignidade
Tanto na Terra, bem como no Céu;
De modo que, por tal enormidade
De esculhambação, falta-me o papel,
E a vocês faltaria a paciência
Para saber de tanta interjumência.

CANTO IV

(ascensão e vida eterna)

1

Já velho assaz cansado da existência,
Desgostoso a beber ardida cana,
O Manuel em trôpega cadência
Saiu com um charuto dos de Havana
A devanear sem qualquer prudência,
Pisando numa casca de banana;
Mas, antes que ele caia, o tempo pausa;
O Olimpo delibera sobre a causa.

2

Do alto do seu trono soberano,
Zeus preside o concílio divinal
Inquirindo em tom grave, puritano,

Qual será desta história o final:
"Conheço o peito ilustre lusitano,
E conheço o valor de Portugal;
Como pode um herói morrer assim
Só de queda, qual um Mané Joaquim?"

3

Vênus, cheia de amor, pudica e casta,
Contemplando o portuga, amorosa,
Despe-se, fica nua, e se arrasta
Para Zeus a rogar-lhe mui chorosa:
"Meu senhor, elogio só não me basta;
Bem sei que vós me tendes por gostosa,
Mas eu quero de vós prova cabal
De amor por vossa gaja e Portugal."

4

Mas Baco intrometido, cão danado,
Desvelando as orgias da menina
Deixa Zeus muito fulo e corneado;
Sendo, porém, safada e feminina,
Vênus ataca por um outro lado
Fazendo-se de frágil, com prantina,
Fazendo-se de santa, piedosa,
Constipa a voz e diz toda manhosa:

5

"Se Deus é brasileiro (por que não?),
Zeus haverá de ser de Portugal,
E neste honrado posto e condição
Tem por mister trazer à imortal

Acrópole de nosso Olimpo, então,
O bravo português de estirpe tal
Digno de receber também seu culto
Mítico de piadas de alto vulto.”

6

Um amante dos gestos grandiosos,
Zeus manda Baco ir catar coquinho;
Depois, sacolejando os generosos
Músculos colossais quais de moinho,
Solta estrondos de voz mais poderosos
Que um guri pirraçando seu vizinho:
“Eu ordeno que suba o Manuel
Para entrar nas comidas cá no Céu!”

7

E assim como ele está, com vista incerta,
Língua pra fora, mãos à revelia,
Perna no ar, braguilha meio aberta,
Dá-se com Manuel dita magia
Deixando-o cabreiro, um tanto alerta,
Sem saber para onde é que ia;
Foi subindo, subindo sempre ao léu
Com charuto e cachaça rumo ao céu...

8

Assim é que ascendeu o nosso herói
Numa ascensão de glória triunfal
Ao Olimpo que o tempo não corrói;
Livrou-se do sepulcro e pá de cal,
Ninguém lhe ofende mais, nada mais dói,

Nem mais saudade tem de Portugal;
Pois agora está livre, está contente:
Manuel Joaquim, herói da nossa gente!

Nhandeara, 17 de março de 2001

DEU A VIDA PRA SALVAR A BUNDA

Eu vi Tereza andando vacilante
acerca de umas juras sem amor
que Orestes insistia, e com pudor,
em lhe cantar em verso, feito um Dante.

Pensei e agi, falei no mesmo instante:
—Tereza, tem cuidado, por favor
de tua própria bunda a aguda dor,
pois ele é sodomita, não te espantes...

Estando precavida, foi Tereza
sem mais poder conter-se, tão jucunda
sentia sua estima à pica tesa.

Porém, na xota, foi-lhe assaz profunda
a foda, que a gazeta de hoje reza
que “deu a vida pra salvar a bunda”.

Nhandeara, 28 de outubro de 2012

VÊNUS ETERNIZADA - acróstico

Calado na clausura assaz vibrante
ainda da virgínea mocidade,
rimando em verso heróico, feito um frade
irmana-se ao que vê e o além distante,

nasceu em mim o eu-lírico cantante
exímio em provocar a urbanidade...
Milo recebe a Vênus por beldade
outrota, peladona ao peito amante;

retive, sofreei, de minha parte,
a verve que tal musa move ao verso:
narrei a vida como a é em Marte(?!);

de depois é que encontrei-me no Universo
inusitadamente, ao léu da Arte.
Eternizei-te, essência, e sou disperso...

Nhandeara, 2 de novembro de 2012

ACRÓSTICO A FRANCISCA

Forjado a ferro e fogo é o mundo feio,
risonho mas cruel, civilizado(?),
alheio mesmo à unção do batizado
negado ou esquecido em tanto enleio;

cismando quanto a isso, assim eu creio,
indago por que sou aventurado,
senão em tudo, em tudo contentado,
cuidando ver o bem no mal alheio,

alheio do meu mal no alheio alheio.
Muitíssimo feliz, um totalmente
aqui se encaixa na definição;

total só pode ser, é pra que veio,
o lapidar feliz de tão contente
sem ismos otimismo, a Redenção...

Nhandeara, 6 de novembro de 2012

SONETO HEBREU

Hebreia, não permitas tu que eu morra
de amor, paixão, desejo! E, num harpejo
em suspenso ao dó de peito, arqueo:
—Feriu-me na cabeça alguma porra?

Romântico é jogar-se na masmorra;
romântico não sou, mas, ora vejo,
sou emo, dá no mesmo se o ensejo
apenas troca a touca pela gorra...

Hebreia, ver-nos-emos num sorriso;
se ver nos emos algo hilário é pouco,
cai dura: o dó de peito fez-me rouco.

Entanto, hebreu que sou sem quatro sisos
na boca, beijarei teus pés hebreus
no ninho sempre nosso aos pés de Deus...

Nhandeara, 8 de novembro de 2012

O ATO

Cortei-me a jugular, e ela sorriu,
jogando-se na poça lá da rua;
queria se afogar, e morrer nua,
bonita como aqui nunca se viu!

O sangue todo à porra me acudiu,
curando o sangramento, e em carne crua,
a um pedregulho roxo sinto a pua,
que a bela, afoita, enfia no xibiu...

Rolamos num lameiro bestial
com sôfregos apupos sem cessar
por trinta dias, que é nosso costume.

E, de tal ato ao talhe angelical,
o casto ventre seu nos vem a dar,
à luz de nossos olhos, novo nume...

Nhandeara, 10 de novembro de 2012

CORINTHIANS x PALESTRA

Aquele aluno aplicado, phylosóphyco, cheio de tesão pra dar, que fica olhado a paisagem na aula, e eu imagino que é por causa da rapariga gostosa lá fora, de repente me vem com escrotidão:

- Deus existe?
- Comé que é?, seu puto.
- Existe ou não, é ou não é? Mais ou menos é medida de cu.

Olhei pela janela, um tremendo verão da porra, o asfalto fumegando feito aqueles filminho da savana que passa na TV Escola pra ensinar: tá reclamando do salário?, professor, olha lá que merda é na África... Senti a cabeça fumegar também, que o telhado todo da escola é de amianto, e... ah, férias na África...

- Quer saber? O que eu sei é que eu não existo, tu não existe, esta porra de escola não existe, e tu tá inventando tudo aí do nada, que também não existe!
- Hã?
- Meu filho, o que existe é Corinthians e Palmeiras, e um não existe sem o outro. Valeu?
- Valeu, professor. O senhor toma remédio?
- Quem toma remédio é tua mãe, só não tomou para ter você.
- É..., acho que tem uma história dessas lá em casa.
- Mas só se preocupe com Corinthians e Palmeiras,

mesmo que tu for sãopaulino ou peixe, atleticano ou raposa.

- Por quê?

- Porque este ano o Corinthians vai ser campeão do mundo, sinal dos tempos... E o Palmeiras já está rebaixado.

- E daí, fessor?

- Daí que 2012 é o fim do mundo mesmo, seu porro! Corintiano não é mais sofredor, nosso passaporte deixou de ser bilhete de metrô; e ano que vem não há Corinthians vs Palestra. Acabou-se tudo.

- Eu quero minha mãe...

- Tua mãe também não existe!

- Hã?!

- E aí, enxergou que tudo existe?

Nhandeara, 13 de novembro de 2012

HIBISCUS

Eu tenho a minha dor, a dor é minha,
não é de mais ninguém, quem diz-me é ela,
cantante trovadora, Lira aquela
de quem a Flor do Lácio se avizinha

nas noites tais e quais o povo tinha
no tempo do Catulo e as tão singelas
canções favorecidas de aquarelas
plangentes ao orvalho com mantinha...

De um tempo, o que restou? A poesia,
e nunca a dor; porque não é a dor
dos que viram e nem dos que virão.

A dor é do poeta que sorria
e que sofria enquanto trovador
em um violão, balcão, porão... No chão.

Nhandeara, 17 de novembro de 2012

SONETO DO UMBIGO

É a vaidade, Fábio, mais-valia,
rezava a velha letra da gazeta
no dia em que Gregório da caneta
serviu-se em prol de nova ideologia:

Não deve o Capital fazer orgia,
cagando na cabeça do pernetá
assíduo proletário da muleta,
enquanto vai Raquel, ficando Lia!

Que baita sacanagem! Vou propor,
vós ides concordar aqui comigo:
mudemos o Sistema Produtor.

Porém, a ideologia, meu amigo,
também era vaidade, e de doutor;
valia mais o bom vai dá de umbigo!

Nhandeará, 21 de novembro de 2012

SEM UM PUTO NO BOLSO

Não vejo, nestes dias sem paisagem,
propícia ocasião de honrar labor
em vista a ter futuro promissor,
poupando o da velhice na bagagem.

Contudo, trabalhar não é bobagem,
se o método empregado houver favor,
e a prática do olhar me faz supor
que método certo é a vadiagem.

Pois sempre a vadiagem riu à toa:
“comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”,
e sai na foto bem — é gente boa!

Já quem trabalha chora o ano inteiro
na fila do humilhante, sem um puto
no bolso, furado em sinal de luto.

Nhandeara, 26 de novembro de 2012

EU DIGO TRUCO!

Se alguém na rua me chamar pra briga, mano, eu faço que nem lutador macho famoso: eu digo não! É, sou feio mas tô na moda.

Daí, se maloqueiro começa a correr atrás de mim com pau cravado de prego insistindo pro pau quebrar, eu corro mais, e corro mesmo, véi! Eu sou velocista pra caramba quando quero.

Mas, daí, eu paro e penso: Péra aí, eu tô dando uma de velocista, então, o velocista tem de dizer não também; e digo não, cazzo! Digo não, não corro não. Eu sou velocista, e velocista só corre entre as raia, na pista, treco profissa, mano. E o corredor dentro de mim, pára. E fico só olhando os malandro chegá. E eles chega...

Rapaz, eu me concentro que nem o Aquiles Dias Xavier, repetindo: Entra, macho! E o Carlos Maçaranduba entra dentro de mim; não sei por onde, mas entra. Mando lutador chique balançá coqueiro, que é a variante de catá coquinho. E começo a dizer pra rapeise: Vou dá porrada. Mas nessa hora é que eles descobrem meu pobrema de gagueira, e fica nisso: Vou dá dá dá. Vou dá dá dá. Que nem aquela música dos tempos atrás.

Cara, tô puto com a propaganda do governo pra dizer não à porrada. É.

Tô puto em geral com governo, porco Bacco!
Campanha do desarmamento, os nazista fizeram idem.
Agora, bandido trafica arma lá dos raios que os partam,

mas cidadão de bem não pode nem dar uns pipoco de bem. Sacanagem daquele filho do Brasil; pô, descarado fez até filme dele mesmo que nem propaganda de Goebbels pra Hitler, um belo filho de Dona Lindu, com todo o respeito.

Nhandeara, 27 de novembro de 2012

O SICERROSSÍDIO

Entrevista de emprego. Estou eu lá entrevistando uma resma de retardado, até que chega aquele escroto:

—Bom dia. Qual a sua data de nascimento?

—20 de novembro de 1960.

—Ah... Escorpião, 52 anos?

—Claro, pô! Nasci em 60, tenho 52. Mas, quanto ao Escorpião, não me defendo com o rabo.

—Eu nasci em 15 de novembro de 75, e sou de Escorpião.

—Ah, desculpa aí o mal jeito.

—Ok. Por que você quer este emprego?

—Pra ter um salário.

—Trabalhar não?

—Olha, tu perguntou por que eu quero; trabalhar é consequência óbvia, e eu cumpro meu dever; senão perco o emprego, e o salário.

—Cara, o senhor é grosso, hein?

—Não, grosso é...

—Pára, olha o respeito!

—E o direito de andar nu?

—Aí avacalhou... Segurança!

—Não, calma. Os índios estavam pelados quando tudo isto chamado Brasil começou.

—E daí?

—Daí, neste calor medonho, eles tinham razão.
Decreta aí a Lei do Nu Facultativo.

—E, garçon, desce mais 1 chopps e 2 pastel. Cá dê o currículo.

—Pode perguntar tudo, sei decor.

—Eita escrotidão, você. Por que não imprimiu currículo?

—É só dar uns telefonemas que tu confirma toda a minha vida pregressa. Pode até ligar pro Obama.

—O senhor trabalhou para o presidente americano?

—Não, mas você pode ligar.

—Agora, à vera: Trabalhaste onde?

—Trabalhei na NASA.

—Posso ligar pra lá?

—Pode.

Eu telefonei para a NASA, mas nada confirmaram do porrolho que ora me aporrinhava.

—Negativo, colega.

—Trabalhei em um projeto que deve manter-se secreto.

—Vá te catá, seu!

—Implantaram um chip explosivo em meu crânio. Se eu começar a revelar as idéias da coisa, detonam meus cornos, e é miolo pra todo lado.

—Segurança, leva.

—Não, brincadeira. Eu era gari da Comlurb em Olaria. Minha mãe perdeu o pé na linha do trem, e era analfabeta. Não sei quem é meu pai. Tem dó... Não, não, solta eu! Tive que me prostituir com 12 anos pra dá de comer pros meus irmãos...

É, meus amigos, eu não tive dó, nem SI sustenido fosse. Botei na rua. Como dói minha consciência agora. Enfim, eis aqui o sincerossídio de minha confissão exposta a vossos olhos, "ó leitores, vede-a com mágoa, vede-a com piedade, que ela busca piedade e não louvores"...

Nhandeara, 28 de novembro de 2012

Neymar, in hoc signo vinces!

É de amplo conhecimento que o Japão era um país feudal até meados do século XIX, quando estudantes japoneses foram enviados ao exterior para aprenderem o modo ocidental de civilização, regressarem e contruírem um Japão moderno, industrializado e ocidental.

O nosso Brasil sempre enviou matéria prima para o exterior. Agora, apesar da aparente prosperidade, envia também talentos. Necessário é manter nossos recursos humanos de alto nível a fim de criarmos firmas nacionais, pessoas jurídicas de capital brasileiro, de maneira que nosso progresso seja sólido, não flutuante, entrelaçado à nossa cultura.

Neymar, o melhor jogador do mundo hodierno não pode depender do prêmio dado na Suíça para ser reconhecido como tal. E ainda, não carece de reconhecimento estrangeiro. A felicidade só se alcança pelo idealismo; Neymar terá reconhecimento absoluto, sendo campeão pela Seleção Brasileira, e campeão mundial pelo Santos.

Para a vida pessoal, e é o que fica do que passa, o sentimento da pessoa humana Neymar, haverá infinitamente mais felicidade ter toda uma existência de vivências no Santos Futebol Clube, jogando, e, depois, colhendo os frutos de uma vitória íntima sincera. Para alguém sincero como ele, talvez seja o que conte afinal. E sua felicidade será perene até o fim de seus dias, na serenidade de uma aposentadoria dos gramados com o

carinho constante da nossa gente, com dignidade, e o amor vibrante e verdadeiro de uma nação inteira, não só da nação santista, mas de toda a nação brasileira, que já agora, no início de sua juventude, o tem aplaudido de pé. E quem aqui escreve é um torcedor do Corinthians!

Cristo passou 40 dias e 40 noites em jejum no deserto, ao fim dos quais foi tentado pelo inimigo, que lhe oferecia todos os reinos da Terra com toda a riqueza que havia neles, se Cristo o adorasse.

Ora, o que o diabo oferecia era o poder político e o poder econômico, os quais sempre foram dele, e sempre hão de ser.

Neymar, não caia por coisas tão reles. Antes, lembra de quem nos conduz à redenção: Nosso Senhor Jesus Cristo.

In hoc signo vices!

Nhandeara, 4 de dezembro de 2012

Jaquelino e Tatiano em: Bago's Bar TV

Em off:

—Que foi? Paneleiro não! Ó, hein..., pateleiro não!

Voz da diretora:

—Atenção estúdio. Iluminador, on. Silêncio. Set.

Jaquelino... Porra, Jaquelino!

—Hã.

—Agora... Vai!

Programa entra ao vivo:

—Buenas, minhas senhoras! E, pros bagual, uma força aí na maromba, rapazeada da estiva. Pros chegada do programa, é nós aqui travêz. Pros de hoje, meu nome é Jaquelino Passo Fundo; e aquele chucro de três... hã? A diretora mandou eu não atribuir dotes físicos ao meu assistente. O índio velho que vocês estão vendo aí é meu assistente Tatiano, colono de Bagé. Fala, Tatiano Colono!

—Oi.

—Ele é tímido, eufemismo de curto e grosso, no más.

—Eufemismo é a mãe, tchê!

Diretora intervém:

—Corta pro garoto propaganda...

Em uma mesa bonita cheia de babado com renda estão empilhados lindamente 53 frascos de óleo de fígado de bacalhau. Atrás da mesa bonita o moço bonito diz:

—Estudos científicos feitos bem longe, muito longe, e que vêm sendo feito há muito tempo comprovam que os portugueses só trouxeram de gostoso o Bacalhau da

Maria; mas você, minha dona de casa, é privilegiada com o Bacalhau Norueguês! Com este bacalhau, eles conseguem o óleo de fígado de bacalhau, que tem um sabor delicioso, e é de dar cãibra na língua, e cair o cu. Experimente! (e dá uma beijoca no frasco)

Diretora diz:

—Agora, volta pro Jaquelino.

Continuando:

—Hoje, vou queimar lata com picadinho carioca de feijoada e banana empanada; comida criada para matar a fome na boemia, e que virou tradição no Rio e em São Paulo. Abraço forte pro Marcos Satoru, macho véio de Vila Alpina, aproveitando o foguinho do crematório pra fazer nossas receitas; é isso aí, paulisponês! Bom, enquanto pego um pedaço de estopa pra lavá a mão, o Colono dá a receita.

Silêncio total no estúdio.

—Fala aí, Tatiano Colono.

—Tá aparecendo tudo escrito na tela do pessoal em casa.

—Mas tem o público cego.

—Ah, a inclusão digital.

—Essa é no doutor.

—E que inclusão é?

—Inclusão de todo o mundo em todo o mundo, ué.

—Ah, virou bacanal agora?

—Cala essa boca!

Silêncio no estúdio de novo...

—Diz a receita.

—Ó, minha senhora, é assim:

1) um punhado de feijão, punhadinho pequeno.

- 2) uma banana nanica
- 3) uma lingüiça
- 4) outro punhadinho, mas de arroz
- 5) um ovo
- 6) farinha de rosca, um tantinho

—Então, o arroz, faz normal. O feijão é tipo feijoada, minha senhora, tempera a gosto; cê vai vê o Jaquelino fazendo. E a banana e a lingüiça, pica na faca. Hã, diretora? Então, pica na faca, ué? Pica na faca?! Que tem pica na faca, não pode picar na faca? Ah, aí pode... Então, minha senhora, banana e lingüica é picar na faca. Pica na faca, não.

Continua Jaquelino:

—Aqui eu já deixei o feijão cozinhando. Se fizer para mais gente, é bom panela de pressão, mais rápido. Mistura o alho picado, o refogado de costume com cebola e alho; quem não gosta de cebola, não, claro. Pimenta, é pra quem güenta. A pimenta dá dois prazeres: quando entra, e quando sai, ditado baiano. No Rio Grande não se dizem certas coisas, mas aqui a coisa é nacional, tchê. E a gauchada vai se amaneirando, oigalê!

Diretora:

—Não te empolgues, ô da bombacha.

—O arroz não é de tropeiro, então, refogado simplesmente fi-lo, porque qui-lo, à moda paulistana mesmo.

—E o ovo... Tatiano, passa o ovo.

Tatiano recuou cinco passos, e se encolheu.

—Tchê, não é o que te sobra na natureza.

—Tó. — e recuou de novo, precavido.

E, no frigar do ovo e da banana empanada, cocluiu-se o prato do dia com a bela decoração. Programa ao vivo é pra quem pode. Fim.

Em off de novo:

—Eh, paneleiro da porra!

—Paneleiro é a mãe!

—Ô, gaúcho, tua mãe não é hõmi...

—É hõmi sim! Minha mãe é mais hõmi que tu!

Haaa, sacaneei!

Nhandeara, 5 de dezembro de 2012

MAMADA

Então..., batuque assim: cadência tipo
o nada se fez tudo em um segundo,
cadência que resume o caos do mundo
em mapa gatoforme ao que lhe ripo!

Um gato no telhado, e eu lhe engripo
o couro: tamborim de vagabundo;
maldade!, ô dó!, e quem diz é o Edmundo...,
rapaz, um animal!; oh, me constipo.

Porém já garanti a batucada,
e o gato, na verdade, é PVC:
Poli-Vinil-of-Cat, só fiz zoadá.

Desfaço uma amizade, e não você,
piada por quem dou a rima amada,
você que lê mamada quando lê!

Nhandeará, 8 de dezembro de 2012

TV PIRATA: as presidiárias
samba: ÁGUA BENTA

No Presídio da Água Benta,
o segredo é o Biotônico,
alegria das detentas
e do samba estereofônico.

No Presídio da Água Benta,
houve um samba estereofônico;
foi no dia em que as detentas
receberam Biotônico.

Regininha foi dizendo:
—Abre a boca, dona moça!
E, a primeira entorpecendo,
as demais, num coça coça,
acorreram que só vendo...

Vi bebinha daqui. Vi bebinha dali.
Sambando na Sapucaí. (refrão)

Mas, quando o samba acabou,
aquela nuvem cinzenta
que sempre volta voltou
ao Presídio da Água Benta...

PACAEMBU

Nublada manhã de domingo em Sampa, a cidade maravilhosa. Pacaembu lotado até a tampa para o jogo da Seleção Brasileira Feminina de Futebol de Campo Natural do Tipo Grama Mesmo.

Marta, camisa 10, cinco vezes melhor do mundo pela FIFA, Cristiane, a malabarista, e Juliana Baiana compondo o ataque. No gol virginal, Andréia, virginal no sentido de “aqui termina invicto”, termina o jogo invicto, ou, quanto mais falo mais me enrolo; transmissão ao vivo é fogo... Armando as jogadas está Érika. Maurine é desfalque triste para todos.

Do lado oposto do retângulo das bermudas, estão as Guerreiras de Dom Sebastião, raparigas de dotes fenomenais que as ouvintes da Rádio Antenada não poderão desfrutar, digo, são de elevado grau técnico, e a amiga ouvinte há de ter precisa idéia do que se passa em campo. Inclusive, lá está o repórter Euclides. Cruza daí, que eu mato nos peitos daqui, Euclides!

—Bom dia, Luciana Montanha! Eu estou aqui com o técnico de Portugal, para ilustrar o que será o adversário do Brasil hoje. Uma palavra, mister, por favor, uma palavra sobre a sensacional revelação portuguesa Ana Borges, jogadora do Zaragoza, que hoje enverga a camisa 9 em vez da 16. Por que a mudança?

—Conquistou.

—Não entendi.

—Ó gajo, vocês brasileiros são burros, ié? Tu pediste 1 palavra. Ora, resumi em 1 palavra. Mas se queres que eu diga tudo, vá lá! Iela conquistou a camisa titular, ó pá! Seja mais racional, seu puto.

—Puto é a mãe, pra começo de conversa. Tá bom para o mister?

Mister, mister! Não dê ouvidos ao puto Euclides, é que a esposa dele acabou de meter-lhe um par de chifres durante a Guerra de Canudos.

—E eu tenho lá de ver com isso?

—Luciana, que parada é essa de chifres?

Ih, falei. Você ainda não sabia?

—Não.

O corno é sempre o último a saber...

—Haaa —faz o mister— toma!

—Eu estou trabalhando. Portuga já parte logo para a ignorância...

—Quem botou a mãe no meio foste tu, seu puto.

—E pára de me chamar de puto.

—Antes que eu me esqueça. Ié, partimos mesmo para a ignorância: não põe a mãe no meio, senão eu ponho no meio da mãe!

—Ah, é?

—Não sei não. No teu caso, é no meio...

Corta o link! Desiste desse portuga. Passa a escalação lusa.

—Cacetão...

Opa, já deu de baixaria.

—Cacetão, número 11. Cabeleira, número 10. Ana Borges, número 9... Miss Universo, número 1 no gol.

Quem apita é a libriana Joaquina Barbosa, árbitra renomada pela dura *lex sed lex*. Bandeirinhas Carretel e Dona Linha.

Começa a partida no Pacaembu!

Se manda Érika, descola o lançamento. Juliana Baiana está impedida. Eu vi na mesma linha. A bandeirinha Carretel não quis dar linha não.

Ana Borges dispara, mete entre as pernas da oponente, a bola quica; que é isso? Eu vi Ana Borges fazer um chapéu cinematográfico, e lança Cacetão na grande área. Encosta Cabeleira pra receber Cacetão. Bagé estraga a festa e bota Cacetão de lado. Cacetão cai e se enrosca com Cabeleira, num lance pra lá de duvidoso... Será que é lance pra cartão, minha Neta?

—Olha, vovó, Dona Linha não deu nada e sinalizou para a árbitra. Não é costume da Bagé cometer um pênalti assim... A arbitragem manda seguir, minha vó.

Falou, minha Neta. Agora é a Marta com o balão, começa tudo de novo, Bagé, pra Érika, lança Cristiane em situação irregular. Mas a bandeirinha Carretel deu linha; olha o perigo! Detona o bambu Cristiane! Miss Universo vai lá onde o morcego se pendura. Agora, Marta à queima-roupa. Que elasticidade bestial! Miss Universo não deixa as bola entrá, queridas ouvintes. Este lance foi tão bom quanto pintar como eu pinto.

Depois dessa, a gente não sai daqui no zero a zero...

Nhandeara, 10 de dezembro de 2012

THE BATTLE OF SAINT GEORGE

So, in that night, Saint George stared at the moon, and thought:

—What the fuck!

He had to care ever and ever for his dear England, but... At that night, an even greater passion yelled deep in his intempestuouse knite heart, the Corinthians Paulista Team! Oh my, oh my...

—Oh my... Corinthians or Chelsea? For which team shell I fight in this night of battle? Alea jacta est!

In this moment, his mighty horse dropped a mighty excrement. The dragon verified if it's nails were well cut... And poor George stared at the moon:

—What the fuck!

And, from this night on to eternity, Saint George is living at the moon.

Because of the match Corinthians vs Chelsea, the thunderstorm of the millenium, a legend knowned as The Battle of Saint George... against himself.

Nhandeara, 13 December 2012

ROSANA CAMISA 8
a Rosana dos Santos Augusto

Aquele rosto oculta um bem sagrado
por entre sardas doces, delicadas,
e olhar adamantino em alvorada
na frágil condição de um desterrado.

Aquele porte atlético ensejado
por seu suor caído nas jornadas,
a cada dia, eleva-lhe, alma alada,
ao sonho o qual um dia foi sonhado...

Missão em teu desterro voluntário,
o esporte mostra apenas uma parte
de tudo quanto abriga a forma humana.

Feliz por te encontrar no itinerário
da vida que nos deu o dom da arte,
escrevo este soneto a ti, Rosana.

Nhandeara, 14 de dezembro de 2012
Marcos Satoru Kawanami

ÚLTIMO GRACEJO

(paródia ao samba "Último Desejo" de Noel Rosa)

Nosso amor que eu não esqueço,
e que teve o seu começo
na boléia do caminhão,
dorme hoje sem chiclete,
sem Jontex e sem boquete,
sem luar, sem pegação...

Perto de você, meu falo
tanto dói, que tudo calo,
tenho medo de pingar...
Nunca mais quero desejo,
mas meu último gracejo
você não pode negar:

Se alguma pessoa amiga
pedir que você lhe diga
se você me quer ou não,
diga que você patola
a xoxota, e se atola
comigo na imaginação...

Às pessoas que eu detesto,
diga sempre que eu não presto,
que meu lar é o Tribunal.
Que eu me formei em Direito,
que eu estudei por despeito,
e defendo marginal!

IRACEMA 2012

Verdes mares bravios de minha terra
banhada pelo Atlântico abrasivo,
na qual um povo bom, feliz, festivo
outrora vi na infância além da serra...

Hoje, o que vejo é o fuzil que berra,
a lei do cão num tempo intempestivo,
a geração no crack ultra-nocivo
morrendo nesta guerra, e não há guerra!

Qualquer cidadezinha é testemunha
da sanha criminal pegando à unha
o povo que cansou de não cansar.

Mas, num sonho cravado de lacunas,
ainda vê as asas da graúna
a moça que jamais leu Alencar...

Nhandeara, 27 de dezembro de 2012

PARA QUEM?

Se cresce a Economia, o vulgo pensa
que tem mais moradia e mais emprego,
que pode ter mais filhos com sossego,
tendo escola e saúde em recompensa.

Mas vive o povo sempre numa prensa,
e a cada geração parece cego,
barganha o voto em troca dum emprego
que gera mais emprego, voto e a crença

dum econômico crescer do bem,
na constante esperança dum porvir
com mais casa, saúde, escola..., amém.

Contudo, não se diz que é regredir
a Vida do planeta que se tem,
crescendo a Economia, e para quem?

Nhandeara, 31 de dezembro de 2012

VERSOS QUE FALTAM

Fuleira margarida, flor querida,
quando eu morrer, tu dá risada, e manda
à merda a Daisy lá de Londres, anda
um pouco além, a York, e, de varrida,

soletra ao mulheril que, em toda a vida,
lembrava delas todas pelas bandas
do mundo, por vencer cruéis demandas,
e, a cada rosto, a bunda era aludida.

Contudo, aquela estranha Cecily,
não manda à merda não, que dê o cu,
pois sempre disse que eu era jacu.

E, se o soneto pára por aqui,
do jeito que parou o do Fernando,
os versos é que vão se me faltando...

Nhandeara, 1 de janeiro de 2013

A CARIOCA

Larissa, é verdadeiro o teu olhar?,
se nem olhando olhas assuntando
na noite enluarada, praticando
o ledo esporte de se praticar...

Eu vi, na Guanabara junto ao mar,
talvez em Paquetá —estás lembrando?—,
a Moreninha, que, de nós zombando,
ao grêmio varonil fez claudicar.

Pois ela, que tão bem conosco ia
o esmero da conversa conduzindo
à crença na descrença, amor sentia.

Reporto-me a tal ido tão bem vindo,
bonitamente crendo na alforria
do Tempo que é só teu no Espaço infindo...

Nhandeara, 3 de janeiro de 2013

DISSONÂNCIAS

A verdade é só uma a verdade é
só uma a verdade é só uma a ver
dá de uma só verdade é uma só
cesura censurada sem censura?

A mentira não por favor amém
tira não por favor ah mentirá
não por favor amém tira não por
favor amém amemos amaremos?

Sem grilo cri-cri à toa a morgar
dá de uma só verdade é uma só
a verdade é só uma a verdade é

não por favor amém tira não por
a mentira não por favor amém
favor cesura sem censura amemos!

Nhandeara, 4 de janeiro de 2013

HARMONIA E DISSONÂNCIA - a Rosana dos Santos
Augusto

Rosana, moça forte delicada
dos campos feminis de futebol,
se o porte é atlético, suando ao sol,
a franca fala é doce e acanhada.

De toda criatura já sonhada,
reserva houve pra ti, além dos gols,
de afeto comparado ao rouxinol
vibrando ao vir da aurora... iluminada.

Rosana, moça forte delicada,
reserva houve pra ti além dos gols
dos campos feminis de futebol:

Vibrando ao vir da aurora... iluminada,
a franca fala é doce e acanhada,
se o porte é atlético, suando ao sol...

Nhandeara, 5 de janeiro de 2013

VIOLA QUEBRADA

Erica arborea, pau do meu cachimbo,
é rosa brava, agreste, lá da Europa;
resiste ao fogo, ao vento, enverga a copa!,
quebrar, não quebra!, e ascende rumo ao limbo.

Érica Albernaz, rosa brava, agreste,
eu não resisto ao fogo, ao vento, e quebro
a minha perna ao meio, ao que celebro
os versos pés-quebrados que ora leste!

Erica arborea, flor que dá na vara,
por mais que desta flor açoite eu tome,
vergonha é que não tomo mais na cara...

Érica Albernaz, canto que consome
a minha voz vexada, a qual exara:
—Mais vexaria eu, se a não vexara!

Nhandeara, 17 de janeiro de 2013

DURA LEX SED LEX

Senhor Procurador, por causa da Boceta,
a Máquina do Mundo abunda em eloqüência
em se tratando do Progresso da Ciência,
em muito produzir, desde a enxada à caneta!

Senhores cá do Júri, então não foi a Greta
que fez o Pai Adão cair na interjumência
de padecer labor em troca da prudência,
e, em troca do sorriso alegre, haurir careta?

Xoxota, qual sentença eleges por pagar,
se tanto estrago a tudo hás engendrado enfim,
que os males todos do Mundo foste cagar?

—Eu, Xoxota, com gosto assumo a culpa sim,
e rigor no castigo o encomendo exemplar:
caralhada, sem dó, caia já sobre mim!

Nhandeara, 19 de janeiro de 2013

ROSA-SINENSIS

Andréa, são para ti
os versos meus mais singelos,
porquanto teus olhos vi,
e tanto mais quero vê-los.

Nos teus olhos tenho tido
ofuscamento geral,
quando sou favorecido
por visita angelical.

Eu não me lembro do Céu,
porque nunca estive lá,
mas, feliz, tiro o chapéu
quando tu vens para cá!

Depois, fico matutando
se vi mesmo a tal morena...
Sonho que, de vez em quando,
ela chega é pela antena?

Se eu pudesse, te enviava,
pela antena do telhado,
carta de papel sem trava
para um estro apaixonado.

Sobriedade me faltando,
é melhor dar fim à prosa
que já vai se assemelhando
ao desabrochar da rosa.

JANAÍNA A BUGRA

Todos param para ver
Janaína minha irmã
que ainda não sabe ler
de selvagem cunhatã.

Eu, porém, quero aprender
com a bugra minha irmã
a maneira de escrever
dois em um só amanhã.

Janaína me parece
pintura tipo cubista,
explicação não carece(?)(!)(*).

Janaína se despista,
pudica, não fica nua,
mas não fica só na rua...

Nhandeara, 8 de fevereiro de 2013

A DESEJADA

—Luzitânia, Luzitânia!

—Diz aí, meu amorzinho!

—Esta insônia é uma infâmia.

—Pois de noite estás sozinho?

—A leitura me consome.

—Já jantaste, não tens fome?

—Tenho fome de ouvir anjos
tocando flautas e banjos.

Quero voar pelo céu
bebendo núvens ao léu...

—Pára! Põe um pé no chão,
um pé só, um só que seja.

Na real, nada desejas
em que possas pôr a mão?

—Sim, um conto do Machado.

—Tá... Qual? Posso ter guardado.

—“A desejada das gentes”.

—Cá vou ver, não te apoquentes...

Achei! Posso te emprestar.

—Mas me terias pra dar?

—Pra meter, é com cautela,
suba aqui pela janela,
seu tonto bobo lesado,
vê se vem bem retesado,
a desejada das gentes
já ficava impaciente!

CURTI

No carnaval, Antônio me pediu
que um curti eu curtisse na folia,
assim me foi dizendo Bete Bia,
fogosa como a puta que a pariu.

E a perva, me piscando, ainda sorriu,
mostrando-me um curti que ela trazia:
camisa pra vestir no pau, e eu via
que a Bia já esfregava o seu xibiu...

Abocanhei a teta entumescida,
o mamilo mais duro que meu pau
poderia meter por toda a vida.

E ela ordenando vem, seu bruto mau,
se arreganhou num cio que nunca vi,
e, curtindo, curti, curti, curti...

Nhandeara, 10 de fevereiro de 2013

HIBISCUS ROSA-SINENSIS

Having walked in life through a boulevard
of dark shadows, I found a pleasant garden
where native flowers grow without a warden,
and one another are their own reward.

People there never eat and never starve,
and yet the garden even ever broaden
cheered with fun of the loving little children
that play upside-down, run, and climb and carve!

Hibiscus is the garden one I found,
following someone's eyes put on the horizon,
brilliant brown eyes of soul and tears on.

Andréa is the voice that since then sounds
for me, my every day so human happiness
that only as divine can be fulfilness...

Nhandeará, 17 of February of 2013

HABITE-SE

No Masp, todo aquele armado vão
de nunca amado armado vil concreto
é o vazio sobre o qual ora soneto
no vazio claustroforme: a Solidão!

Amar é estar-se só na multidão,
de há muito já versou vate seletto,
mas, como na Verdade Amor decreto,
ainda vale tal definição.

Decreto de poeta vale nada,
mas este decretei material,
timbrado no concreto cordial.

E, se a moça da noite enluzada
achar meu coração de vil concreto,
desenha-me também no teu projeto!

Nhandeara, 25 de fevereiro de 2013

ALÉM DA TAPROBANA

Conheço você, Márcia, desde quando
o mundo foi criado, talvez antes,
no tempo angelical e altissonante
desde o qual Deus nos foi orientando...

Aqui neste planeta ora chegando
a fim de nos unirmos como amantes,
seremos sempre um só a cada instante,
em noite turbulenta ou dia brando.

Conheço você, Márcia, pelo cheiro
gostoso natural que nos irmana
em laços de lençol e travesseiro.

Passemos mais além da Taprobana
também na paz geral e o derradeiro
sentido para o qual é a raça humana.

Nhandeara, 2 de março de 2013

JACÓ E LIA

Sete anos, por Raquel, Jacó sofria
à toa, pois já tinha se casado
e muito bem, estava afazendado
com filha de patrão. Que mais queria?

Injusto foi o Amor que o iludia,
e em prol de quê?, da espécie? avassalado
igual a bicho? e, ainda amargurado,
injusto o coagindo contra Lia!

Romântica Paixão, que a todos cega:
a Lia era muito mais bonita,
nem isso viu Jacó, por teimosia...

E a Alegria que o Amor nos nega
parece tão custosa e inaudita,
mas é-nos como a esposa que foi Lia.

Nhandeara, 12 de março de 2013

BELEZA ETERNA DAS MOÇAS ETERNAMENTE BELAS

Todas as CARTAS DE AMOR são
Ridículas.
Não seriam OBRAS DE ARTE se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo CARTAS DE AMOR,
Como as outras,
Ridículas.

As OBRAS DE ARTE, se há Amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
CARTAS DE AMOR
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
OBRAS DE ARTE
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas MEMÓRIAS DA LIRA VELHA

Dessas MOÇAS ETERNAMENTE BELAS
É que são
OBRAS DE ARTE.

(Todas as CARTAS DE AMOR,
Como as OBRAS DE ARTE,
São naturalmente
A BELEZA ETERNA DAS MOÇAS ETERNAMENTE BELAS.)

Álvaro de Campos, 21-10-1935
Marcos Satoru Kawanami, 14-03-2013

UFC: Universidade das Freiras de Culhões - Rio Grande do Sul

No aprazível município de Culhões, RS, está sita a Universidade das Freiras de Culhões, instituição que goza do mais grosso calibre nas estatísticas do MEC, no quesito p.q.p.: pupilos que passam...

Culhões é um antigo distrito de Bagé, o distrito de Dois Bagos, famigerada zona produtora de uvas viníferas que dão cada bago... tchê! Um bago daquele é capaz de encher a barriga da pessoa humana. O nome Culhões, corruptela de Colhões, etimologicamente falando, origina-se no período de exílio do prefeito de Sucupira, um vivente de nome Odorico Paraguaçu que foi o primeiro prefeito do então recém emancipado município de Dois Bagos, a que ele resolveu, por decreto lei, denominar Município de Culhões, e esta foi a sua maior obra durante o período de exílio, que descanse em paz, lá em Sucupira, no Cemitério que ele inaugurou.

As freiras vieram para cá durante a Guerra do Bolicho, conflito deflagrado em Bagé entre a facção masculina dos barbudos e a dos afetados, estes últimos se refugiaram no Convento da Piedade, que foi sitiado pelos barbudos. Após semanas de negociações, e a água cortada, os afetados tiveram que aceitar o ostracismo em Dois Bagos, levando uma legião de noviças com eles, por motivos óbvios; mas, quem nunca pecou, que atire a primeira pedra! Com as noviças, foram também freiras simpáticas simpatizantes do movimento, que fundaram o

Convento das Freiras Simpáticas, e dele originou-se uma escola, e da escola a nossa renomada instituição de Ensino Superior.

Além de oferecermos cursos em todas as áreas do Conhecimento Humano, Desumano e Divino, temos os seguintes cursos:

—Doutorado em Veterinária Freudiana, pelo Dr. Analista de Bagé.

—Pós-Graduação em Boi no Rolete, pela Irmã Teresa Durão.

—Doutorado em Paranormalidade da Psico-Proctologia-Atmosférica, pelo Dr. Jacintho Leite Aquino Rêgo, convidado da UFRJ.

—Mestrado em Sociologia do Não e da Negação do Não no Futebol (dente-de-leite-sensu), pelo Dr. Cajuru Sob Controle.

—Pós-Doutorado e Livre Docência em Cuisine Traditionnelle com intercâmbio na Universidade de Viena, por Palmirinha.

Nhandeara, 17 de março de 2013
Marcos Satoru Kawanami

O PICA DAS GALÁXIAS – gíria humorística que merece registro

Nascido não no campo das hemácias,
da carne, das linhagens ancestrais,
que assim nos assemelha aos animais,
porém no mundo vário das rosáceas...

Idéia lapidada numa acácia,
talvez Pinóquio, menos que os mortais,
porém pica de pau querendo mais
e sempre mais: o pica das galáxias.

O pica das galáxias vai pro espaço,
e segue rumo à Lua a carregar
o bagageiro de porra lunar.

Papudo, fica duro feito aço,
e em Vênus ele enxerta o mulheril,
e até a presidenta do Brasil!

Nhandera, 1 de abril de 2013

O SÉTIMO SELO - para Ingmar Bergman

A morte não me diz respeito, assim
falou o mestre Sócrates antigo,
porém relatam que foi bom amigo
do espírito de nume até o fim.

Ateu que fui, fiando só em mim,
cagava vendo a morte, e, pelo umbigo,
meu pau se invaginava de castigo
por tão ignóbil pose em cor carmim.

Se Sócrates cordato era guiado
a crer em um só Deus pelo seu nume,
aqui bem vivo está, e foi matado...

Católico que a fé no amor resume,
à morte entrego o peito despojado:
coragem, fé e amor é um só costume.

Nhandeara, 2 de abril de 2013

JUSTINE NA PADARIA

Justine, pra teu nome não trovei
nenhuma rima aqui na padaria,
porque rimar é fácil com Maria,
mas, com Justine, a raridade é lei.

No banco do balcão me aboletei
suando a água fria da agonia
ao ver que um certo anel te bem cabias
da esquerda no anelar, e me engasguei!

Pensei: que sacanagem!, ou melhor,
que baita, que tremenda falta dela...
E... peço ao Mário um pão com mortadela!

Porém, dos males todos, o menor,
pois cessa uma sangria desatada
contemplando Justine atarefada...

Nhandeara, 22 de abril de 2013

MONA LISA SMILE

O drama bom que a Bíblia nos revela
demonstra que pra tudo há solução,
até a morte tem ressurreição
a quem se afeiçoar à Vida bela.

E a Vida a qual se deve pois dar trela
é simples, tendo em Cristo a devoção,
passando pelo mundo em comunhão,
sentindo o bem do olhar... e da remela.

O drama engrena o mundo, e dá cinética
à máquina da humana sociedade,
ainda que contrário a muita ética.

Talvez a dor pareça até maldade,
mas luz e sombra dão a forma estética
de tudo quanto ganha a Eternidade.

Nhandeara, 8 de maio de 2013

CIENTÍFICO

Naquele verão em que carioca fica suando em picas, eu tive de explicar ao meu filho que deixar de tomar banho não era experiência científica. O problema é que ele é que me convenceu de que a metódica privação do banho era uma experiência científica em andamento, e não poderia ser interrompida, inclusive me mostrou uns treco no microscópio.

Uma semana depois, estou eu lá na saleta do meu chefe sendo avisado que seria exonerado por justa causa se não desse um jeito no meu odor corporal. É, meus amigos, eu tinha aderido à experiência do meu filho, que precisou de uma cobaia humana adulta do sexo masculino. Daí ficou resolvido, voltei pra casa, e todo o mundo tomou banho: eu, meu filho e minha esposa, que também estava colaborando na coisa, e, imaginem, sua vagina já produzia requeijão cremoso nessa altura do campeonato. Não tinha microscópio que desse conta.

Nesta mesma noite, concebemos uma irmã para o meu filho, fato que ele cuidou em anotar muito bem no seu caderninho naquela época, eu me lembro de ter falado com ele sobre o assunto, dizendo-lhe que o recesso tinha sido fornicatório também. E não é que, quinze anos depois, a equipe em que ele trabalhava foi chamada para combater uma epidemia de Aids em Uganda? A primeira providência que tomaram foi um racionamento radical de água. Científico meu filho.

Nhandeará, 30 de maiô em 2013, ai que frio!

Diálogo A. B. Surdo

—Eu gosto de pão e sou hétero.

—Eu também gosto de pão, mas sou hétero ao contrário de ti.

—Que eu tenho xoxota, e gosto de caralho...

—Então, eu gosto de xoxota, e não gosto de caralho.

—Ah, eu quero caralho... Me dá o teu!

—Não. Do meu caralho, eu gosto.

—Então, enfia ele no cu, porra!

—Eu não gosto de cu.

—Dá o teu então.

—Mas do meu cu eu... gosto?

Nhandeara, 2 de julho de 2013

SONETO DO FUNK

O funk é redondilha, tudo a ver
o coito com a coita medieva
daquele trovador que não se atreva a
ser este que no baile põe ferver!

“Que é isso novinha?” é furtar-se a ter
amarra, se a sincera lira eleva
ao peito a musa que tão bem nos ceva
o canto, no cantinho, a remexer...

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
e vende 4 pra mim, 4 ingressos,
que eu entrei para o bonde dos confessos!

O funk tem soneto, a festa é tanta,
que Camões já comprou na minha mão
ingresso para o baile no Alemão...

Nhandeara, 4 de julho de 2013

J'AI FAME!

Quando eu era estudante secundário (ensino médio, rapeize) na grande capital paulista, eu tinha a ingenuidade de não saber nada e pensar que sabia tudo, ou quase tudo.

Eu sabia que, sabendo ler e sabendo as quatro operações matemáticas, eu poderia aprender qualquer coisa por conta própria, sendo auto-didata: então o essencial eu já sabia. Ah, e sabia também que Isaac Newton criara o Céu e a Terra.

Eu cabulava aula no Sebo do Messias, uma enorme loja de livros usados do centro velho paulistano. Apesar de os livros serem muito baratos, só às vezes eu comprava algum; via de regra, eu ficava a manhã inteira lendo lá mesmo até dar a hora de volver a casa, onde minha avó esperava o estudante exemplar que acordava às 5:30h da alvorada, e ia a pé da Rua Frei Rolim, na Saúde, até a Estação Santa Cruz em Vila Mariana, todos os dias sem falta. Eu respeitava a velha. Quando meu pai foi aprovado na 4ª série, minha avó lhe fez um exame com toda a matéria do ano, no qual ele não passou; aí, ela matriculou o coitado de novo na 4ª série; foi escutando essa história que eu tive a primeira noção do conceito de: FODER-SE.

Não sei como é hoje, mas, naquela década de 90, os professores apenas regorgitavam o que estava nos livros didáticos; já disse que sabia ler, então, lia em casa, e ia ao sebo ler outras coisas: ora, eu só tinha 16 anos e

queria saber como era o Mundo antes de ter a idade suficiente para tal propósito.

Um dos livros que manuseiei intitulava-se "J'ai fame!" - "Eu tenho fome!" - não tive vontade de ler, comia bem em casa de vovó, mas isso nunca mais me saiu da cabeça.

Em 1994, ingressei no curso de Astronomia da UFRJ, e logo em seguida parti para Ouro Preto, a fim de estudar Engenharia de Minas, por sugestão de minha sábia irmã.

Passei 45 dias numa república federal da UFOP comendo somente pão-com-manteiga e café puro, até conseguir emprego nos refeitórios da universidade, onde o salário era a refeição.

Em geral, a fauna republicana gastava o dinheiro que seus responsáveis lhes mandavam com coisas fúteis e pouco estudo.

Freqüentava a república um escultor de nome Frank: mulato de olho azul e magérrimo, cheirava mal também. Logo descobri que seu nome verdadeiro era Ismael Marcelino, natural de Anápolis, uma cidade de Goiás, e que tinha olhos azuis porque sua mãe também os tinha, sendo alvíssima, enquanto seu pai era um afro-descendente do tipo creoulo tição. Chamavam-no de Frank porque o achavam deveras feio.

Desde que soube seu verdadeiro nome, eu só chamava-o por Ismael, e ele sempre queria conversar comigo porque eu tenho a pachorra de ouvir as pessoas - que nem puta de cabaré -, ao passo que os republicanos já tinham começado a menosprezar o Ismael depois que se cansaram de sua figura cadavérica.

Até que, numa noite, eu fiquei trancado para fora da república, e ninguém quis abrir a porta. Ismael estava comigo, e me ofereceu abrigo na sua casa. Chegando lá, não havia móveis na casa, só um sofá, um fogão e um guarda-comida, em que encontramos um pouco de farinha de mandioca e um único ovo. Como nós não tínhamos jantado, ele fez o ovo mexido com a farinha e colocou em dois pratos rasos, pouquíssima comida. Para minha surpresa, Ismael ainda me deu o prato com mais comida.

Passados alguns meses, eu voltava da aula quando encontrei o Ismael sentadinho todo encolhido na soleira duma farmácia. Nós conversamos amenidades, disse-me que estava tomando um pouco de sol...

Só hoje eu percebo. Careceram se passar 15 anos de ingenuidade para eu perceber: Ismael estava doente, na porta da farmácia em postura mendicante, mas sua hombredade lhe embargava a voz para dizer: "Amigo, me ajude com a conta do remédio?" ou talvez "J'ai fame!".

Nhandeara, 11 de março de 2010

SONETO DA CAGÜETA

Idéia fixa não tem solução,
não tem nem mais aquele nosso acento...
— aqui, aproveitando, eu apresento
legítima e brazuca insubmissão! —

Fazer o quê? Quem manda na nação
tirou da minha ideia o incremento,
e, agora, eu pronuncio contra o vento
conforme fez Bocage em seu calão.

Fixei em minha idéia ideia escrota
de ver o Manuel na hora H
colhido a fornicar com a Mulata.

Ainda era eu garoto, e uma garota
no igual costume escroto de espiá
cagüetou minha idéia — aquela chata...

Nhandeara, 11 de julho de 2013

MOSAICO

Vejamos se não é a nova aurora,
a aurora infinda, o dia tão bem quisto
que pano deu pra manga se haja visto
o Terço do Perpétuo, de hora em hora,

a leva de profetas que apavora
na Bíblia a esperar o Santo Cristo,
e a ânsia pró parúsia no previsto
raiar do dia eterno, que é o agora.

Adão pecou, não foi em vão, não foi,
porque, neste dramático cenário,
civilizou-se o mundo pelo mal

e pelo bem, estampa feita a dois,
a fim de, num mosaico itinerário,
sentirmos o valor do Bem final.

Nhandeara, 17 de julho de 2013

CARAVANA

Eu sei que não saber não dá ciência,
a mim, do que não sei, sabendo ou não,
de tudo que, com lógica e razão,
conheço e sei que sei, por evidência.

Conduz-me tosca mão, rapaz prudência,
contudo, se é o saber a devoção
à qual, estulto, entrego o coração
no torpe turbilhão das aparências...

Pondero que não há que mais saber,
nem houve nunca, desde aquele pomo,
que vem se deglutindo sem querer.

A bem desses milênios, quê hoje somos
além de caravana a percorrer
o espaço numa busca do que fomos?

Nhandeara, 17 de julho de 2013

COMO TROLLAR SEU IRMÃO

Nestas casas populares,
vive o povo ensimesmado
no aconchego dos seus lares,
pelo Estado encaixotado.

Sei que, mesmo a manejares
um computador ligado,
ou, de há muito, lá nos bares,
tens a Imprensa rechaçado.

Sei que, se não acatares
todo farnel encilhado,
sentirás os calcanhares
do capataz ao seu lado.

Sorte desfaz-se em azares
no voto, ao que é computado,
e vai-se assim pelos ares
o circo que é sempre armado.

Nestas casas populares,
residem feito guardados
muitos pares de oculares,
são o mundo ensimesmado.

Mas o meu par de oculares

vê a Imprensa e vê o Estado
fazer festas populares
em que o povo é que é trollado...

Até mesmo os militares
pelos maus são difamados,
pois em casas populares
vivem também os soldados.

Gratuitos, sim, aos milhares,
de óbitos atestados
ajudam familiares
pros caixões serem quitados.

As famílias, nos seus lares,
num viver displanejado,
também criam aos milhares
descendência, feito gado.

E, apesar de seus pesares,
se são toda vez pilhados
por ladrões tão similares,
continuam bem guardados
no aconchego dos seus lares
estes cidadãos trollados
pela Imprensa e pelo Estado,
pela Máfia e Além-mares.

Nhandeara, 18 de julho de 2013

NÃO SÓ DE PÃO VIVERÁ

—Eu não sou mais criança pra morar
na zona deste baixo meretrício;
na minha escola, aprendem a ter vício
os toscos animais a se enjaular.—

A jovem começou a questionar
a escola igual quem pede um armistício;
criança não é mais, disso é indício
o nome que está dando ao próprio lar.

Percebe que difere da matéria
humana, ainda que bruta, mas humana
na bárbara postura da miséria.

Miséria não de pão, porém na gana
pra ter a vida envolta em vida séria,
sentindo Deus no além que dEle emana.

Nhandeara, 26 julho de 2013

AGRICULTURA ORGÂNICA

Enquanto que em países como a Holanda
orgânica é a lavoura que se preza,
Brasil, e até a Índia agora, reza
a química nociva sarabanda.

De cima, tosca é a ordem, mas comanda,
e adubam com minério e com proeza,
veneno é garantia de riqueza,
e a carne também entra na ciranda...

Quem come o lixo todo somos nós,
os povos que não têm patriotismo,
na guerra silenciosa das nações.

A guerra dos mercados, onde vós,
malandros que fazeis politiquismo,
otários sois nas próprias refeições...

Nhandeara, 31 de julho de 2013

JOANA D'ARC

Afia numa pedra o canivete,
e enfia-o no bolso, convincente,
na cisma de querer ser indecente
a única menina entre os pivetes...

Roubou a liberdade que compete
ao seu padrão de jogo para frente,
ousou não se render ao aparente,
e, entanto, é mais mulher, sem ser coquete.

A escola ensina muita pilantragem;
nas aulas, ela emenda a professora;
por isso, tão bem vê a vadiagem...

Se acaso a transgressão é sedutora,
sofreu esta menina defasagem
moral, pois da Moral é defensora.

Nhandeara, 7 de agosto de 2013

PURGANTE

Cagar é nossa norma, cague bem
e sem vergonha, cague todo dia;
cagar é coisa mais do que sadia,
cague cá, cague lá, e cague além.

Cagada, quem já fez aprova, e tem
apreço na cagada à revelia;
se aquele que não caga a repudia,
está só no despeito seu desdém.

Contudo, a ser cagão não seja afeito,
nem queira ser seu cu intrometido
em demandar, em ir pro pau em pleito.

E creia que a cagada mor tem sido
o não cagar conforme é de direito,
e assim morrer de fezes entupido!

Nhandeara, 25 de setembro de 2014

FUSCA

Que se Ford Chevrolet!
Eu gosto é de Volkswagen.
—Então, em Fiat na Kombi!
—Ka Ka Ka Ka Ka...

Nhandeara, 10 de novembro de 2009

CICLO DE INDÍCIO

De dia, ensina o Sol que há muita vida,
e a luz que vem do céu é sua fonte,
desde a hora em que nasce no horizonte,
sangüíneo, até a pálida partida...

De noite, a treva morte é preludida:
ausência, um vento frio de trás do monte,
uivando, cessa no oco sob a ponte,
e a Lua-Nova é lua suicida.

Mas nasce o Sol de novo, numa boa,
e assim faz todo dia há um tempão,
de modo que, de noite, o dia ecoa!

Conforme a luz sucede a escuridão
em um ciclo de indício não à toa,
é natural haver ressurreição.

Nhandeara, 15 de agosto de 2013

TEA FOR TWO

O coito tem início num abraço;
a moça, com a coxa, acorda a pica,
que ascende até o umbigo, e a moça indica
querer uma chupada no regaço...

Porém da greta escorre-lhe o melão
ao ser abocanhada na mamica,
e, estremecendo, de joelhos fica,
num cio sadio, alheio ao embaraço.

A glande a penetrar-lhe é o gosto tátil
dos lábios e da boca vaginal
que endurece por dentro, estruturada.

E o ar que pesa úmido é volátil
se sôfrego é o enlace conjugal,
até que no regaço ela é chupada.

Nhandeara, 19 de agosto de 2013

POETA MALDITO

O velho medo do desconhecido,
às vezes, move a boca do maldar
se o olho da prudência não focar
devidamente o fato; e assim tem sido.

Por tantas vezes eu ter socorrido
os outros com vontade de ajudar
sem nunca alguma paga eu esperar,
maldito ser meu nome tenho ouvido.

Querendo conhecer-me, estou aqui:
é só chegar à porta e me chamar,
respondo tudo simples, mando entrar.

Acabe de Goiás todo o piqui;
se o que escrevo também não faz sentido,
publicarei poema traduzido.

Nhandeara, 25 de agosto de 2013

CIDADE ALERTA

Meus amigos, essa onda de bandidagem já beira as raias da ignorância. Ninguém mais sabe nem onde nem quando vai ser arregaçado pelo avesso, queimado, e mal pago. Depois a bomba explode é no IML que tem de decifrar em código morse se aquilo ali é homem, mulher, ou ser humano. E eu digo em código morse por causa da máfia, do crime organizado mesmo, infiltrado em todas as esferas da máquina pública, inclusive, meu povo, no Necrotério, que é pra continuar roubando o cidadão contribuinte de bem até no Bairro do Pé Junto!

Agora, meu povo, vejam vocês, a gente não tem mais o direito nem de saber por que a rua em que o meliante resolveu nos subtrair um pertence qualquer tem o nome que tem: ninguém responde. É delegado, é sub-prefeito, é vereador, representante de moradores, em muitos casos, ninguém vai te responder, meu amigo telespectador. Eu vou te dar um exemplo: Lá no Rio de Janeiro, pouca gente sabe por que a Avenida Marechal Floriano tem esse nome, o que é um absurdo. A Avenida Rio Branco, uma das principais da capital fluminense, você pode perguntar pra neguinho que tá passando nela mesmo, não sabe quem foi o Barão do Rio Branco. Se uma vítima for jogada por uma das janelas do Edifício Avenida Central, olha, eu acho que é capaz da polícia demorar para achar o presunto, porque ninguém mais sabe que a Avenida Rio Branco era a antiga Avenida Central.

E aqui em Sampa? A Rua Hadock Lobo tem esse nome por quê? Rua Domingos de Moraes por quê? Se eu for assaltado na Loef Green, por que essa rua tem um nome bisonho desses? E se aquela dentista que foi deixada pelo amante no motel em plena Marginal Tietê, e arrumou a desculpa de que o carro quebrou, tivesse com o carro quebrado na Rua Augusta? Ah, mas daí, meus senhores, nós só temos uma explicação: o consultório da dentista faliu.

E essa agora, parece até que Salvador Dalí ressuscitou para escrever esta novela. Nunca antes na história deste país se importaram médicos, e estamos importando. Aí é que eu pergunto: Tem cupa eu? Tem cupa eu?! Claro que não! Não sou eu que ando por aí roubando o erário público, e fazendo essa cagada toda. Aliás, mamãe pregou um botão na minha bunda. Percival sabe bem do que eu estou falando, não é, Percival? Fala, Percival. Ô, múmia! Bom, quem cala consente.

Mas tudo bem, corta pra 18. Que foi? Não gostaram? Então, segue o programa. Põe na tela aí o furo de reportagem. Estão vendo o furo? Digam-me uma coisa: o projétil que furou este cidadão foi desferido por um artefato calibre 38, 45, ou esta coisa medonha é tiro de fuzil? Em alguns assuntos, é melhor manter a ignorância, não é?, meu amigo, minha amiga. Quer saber? Corta pra 18 mesmo.

Nhandeara, 28 de agosto de 2013